

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

COLEÇÃO DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA

MAURICE
MAETERLINCK

Prêmio de 1911

O PÁSSARO
AZUL

MAURICE MAETERLINCK

(BELGICA)

Tradução de
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Estudo introdutivo de
FRANÇOIS ALBERT-BUISSON

Ilustrações de
TOUCHAGUES

Texto / Peça: *Pássaro Azul, O*
Autor: *Maurice Maeterlinck*
Professor: *—*
N.º de Páginas: ~~80~~ *101*



EDITORA DELTA
Rio de Janeiro
1962

EDITORA DELTA
Rio de Janeiro
1962

PRIMEIRO QUADRO

NA CHOUpana DO LENHADOR

O palco figura o interior de uma choupana de lenhador, simples, rústica, porém não miserável. — Lareira de capote, onde bruxuleia o fogo de lenha. — Utensílios de cozinha, armário, arca de pão, relógio de pêndulo, roca, lavatório, etc. — Sobre a mesa, um lampião aceso. — Junto ao armário, de cada lado, dormem enrodilhados, de focinho sobre o rabo, o Cão e a Gata. — Entre os dois, um grande pão de açúcar, azul e branco. — Dentro da gaiola redonda, pendurada à parede, uma rolinha. — Duas janelas, ao fundo, com os postigos interiores fechados. — Próximo a uma das janelas, um banquinho. — À esquerda, porta de entrada da casa, provida de tranqueta. — À direita, outra porta. — Escada em direção ao celeiro. — Também à direita, duas caminhas de criança; à cabeceira, sobre duas cadeiras, roupas cuidadosamente dobradas.

Ao levantar-se o pano, Tilttil e Mitil estão dormindo profundamente em suas caminhas. Mamãe Til ajeita as cobertas uma última vez, debruça-se sobre os meninos, contempla-lhes por um instante o sono e, com a mão, chama Papai Til, cuja cabeça aparece no vão da porta entreaberta. Mamãe Til leva o dedo aos lábios, para recomendar-lhe silêncio, e sai pela direita, na ponta dos pés, depois de apagar a luz. O palco fica momentaneamente escuro; depois, filtra-se por entre as fôlhas do postigo uma claridade cujo brilho aumenta pouco a pouco. O lampião sobre a mesa acende-se espontaneamente. As duas crianças parecem acordar, e sentam-se nas camas.

Mitil?

TILTIL

Tilttil?

MITIL

Você está dormindo?

TILTIL

E você?

MITIL

TILTIL

Eu não. Se estou falando com você, é porque estou acordado.

MITIL

Já é Natal?

TILTIL

Ainda não; amanhã. Mas Papai Noel não vai trazer nada este ano.

MITIL

Por quê?

TILTIL

Ouvi mamãe dizer que não podia ir à cidade para avisar a ele. Virá no ano que vem.

MITIL

Demora muito, o ano que vem?

TILTIL

Um bocado. Mas esta noite ele vai à casa dos meninos ricos.

MITIL

É?

TILTIL

Olhe, mamãe esqueceu o lampião! Tenho uma idéia.

MITIL

?

TILTIL

Vamos nos levantar?

MITIL

É proibido.

TILTIL

Mas se não há ninguém aí. . . Está vendo o postigo?

MITIL

Chi, que claridade!

TILTIL

São as luzes da festa.

MITIL

Que festa?

TILTIL

Lá em frente, na casa dos meninos ricos. É a árvore de Natal. Vamos abrir o postigo.

MITIL

Será que pode?

TILTIL

Claro, a gente está sòzinha. Ouviu a música? Vamos nos levantar.

Os dois se levantam, correm para uma das janelas, sobem no banquinho e empurram os postigos. Intensa claridade penetra no quarto. Os meninos olham avidamente para fora.

TILTIL.

A gente vê tudo!

MITIL (*mal conseguindo um lugar apertado no banquinho*)

Eu não vejo.

TILTIL.

Está nevando. Olhe ali dois carros com seis cavalos!

MITIL.

Estão saindo dêle doze garotinhos.

TILTIL.

Bôba! São garotinhas.

MITIL.

Estão de calça.

TILTIL.

Você entende lá disso!?!... Não me empurre!

MITIL.

Nem toquei em você.

TILTIL (*ocupando o banquinho inteiro*)

Você tomou o lugar todo!

MITIL.

Mas se eu fiquei sem lugar nenhum!

TILTIL.

Cale a boca. Está-se vendo a árvore.

MITIL.

Que árvore?

TILTIL.

A árvore de Natal, ora essa! Você está olhando para parede!

MITIL.

Estou olhando para a parede porque não há lugar.

TILTIL (*cede-lhe uma ponta insignificante no banquinho*)

Ali! Agora chega? Não é o melhor lugar? Quantas luzes! Que porção!

MITIL.

Que barulho é êsse que estão fazendo?

TILTIL.

É música.

MITIL.

Estão zangados?

TILTIL.

Não, mas cansa muito.

MITIL.

Mais outro carro puxado por três cavalos brancos!

TILTIL.

Cale a boca. Olhe.

MITIL

Que é aquilo ali, de ouro, pendurado nos ramos?

TILTIL

São brinquedos, ora bolas! Espadas, fuzis, soldados, canhões.

MITIL

E bonecas, será que eles botaram?

TILTIL

Bonecas? Que bobagem. Não acham graça nisso.

MITIL

E aquilo tudo ali, enchendo a mesa?

TILTIL

Doces, frutas, tortas de creme.

MITIL

Eu comi uma, quando era pequena.

TILTIL

Eu também. É mais gostoso do que pão, mas servem um pedaço tão pequenininho!

MITIL

Lá tem até demais. A mesa está cheia. Será que vão comer tudo?

TILTIL

Claro. Que é que iriam fazer com isso?

MITIL

Por que não comem logo?

TILTIL

Porque não estão com fome.

MITIL (*estupefata*)

Não estão com fome?! Por quê?

TILTIL

Porque comem à hora que querem.

MITIL (*incrédula*)

Todos os dias?

TILTIL

Dizem que sim.

MITIL

Será que vão comer tudo? Vão dar um pedaço?

TILTIL

A quem?

MITIL

A nós.

TILTIL

Eles não nos conhecem.

MITIL

E se a gente pedisse?

TILTIL

Isso não se faz.

MITIL

Por quê?

TILTIL

É proibido.

MITIL (*bate palmas*)

Que lindos!

TILTIL (*entusiasmado*)

Estão rindo tanto!

MITIL

Olhe os meninos dançando!

TILTIL

Pois então, vamos dançar também!

Pulam de alegria, sobre o banquinho.

MITIL

Ah, que bom!

TILTIL

Estão ganhando doces! Podem pegar nos doces! E comem! comem! comem!

MITIL

Os pequeninos também! Ganharam dois, três, quatro doces!

TILTIL (*louco de alegria*)

Ah, que bom! Que bom! Que bom!

MITIL (*contando doces imaginários*)

Eu ganhei doze!...

TILTIL

E eu quatro vezes doze! Mas vou dar uns para você.

Batem à porta da cabana.

TILTIL (*perdendo de repente a excitação, e assustado*)

Quem será?

MITIL (*apavorada*)

Papai!

Como demoram a abrir, a tranqueta se move sôzinha, rangendo; entrecabre-se a porta, e dá passagem a uma velhinha de verde, capuz vermelho à cabeça. É corcunda, capenga e zarolha; o nariz encosta-se no queixo; vem curvada, apoiando-se num bordão. Sem a menor dúvida, é uma fada.

FADA

Vocês têm aí a Relva Cantante, ou o Pássaro Azul?

TILTIL

Relva temos, mas não canta...

MITIL

Tiltil tem um pássaro.

TILTIL

Mas êsse eu não posso dar.

FADA

Por quê?

TILTIL

Porque é meu.

FADA

É uma razão, sem dúvida. Onde está o pássaro?

TILTIL (*mostra a gaiola*)

Na gaiola.

FADA (*bota os óculos para examinar o passarinho*)

Ésse eu não quero; não é bem azul. Você vai procurar aquêle que eu quero.

TILTIL

Mas eu não sei onde êle está.

FADA

Nem eu. Por isso mesmo é preciso procurar. A rigor, posso dispensar a Reiva Cantante, mas tenho absoluta necessidade do Pássaro Azul. É para minha filha, que está muito doente.

TILTIL

Que é que ela tem?

FADA

Ninguém sabe ao certo. Ela gostaria de ser feliz.

TILTIL

Hein?

68

FADA

Vocês sabem quem eu sou?

TILTIL

A senhora se parece um pouco com a nossa vizinha, Dona Berlingot.

FADA (*súbitamente irritada*)

Absolutamentel Não há a menor relação. Que horror! Sou a Fada Beriluna.

TILTIL

Ah, muito bem.

FADA

É preciso ir imediatamente.

TILTIL

A senhora nos acompanha?

FADA

É de todo impossível, porque hoje de manhã botel um cozido no fogo, e êle começa a entornar quando eu me afasto mais de uma hora. (*Indica sucessivamente o teto, a lareira e a janela.*) Vocês preferem sair por aqui, por ali ou por ali?

TILTIL (*timidamente, mostrando a porta*)

Eu gostaria mais de sair por ali. . .

FADA (*de nôvo se aborrece repentinamente*)

É absolutamente impossível. Mas que costume idiota! (*Indica a janela.*) Vamos sair é por ali. Muito bem. Que é que estão esperando? Vistam-se depressa! (*Os meninos obedecem, vestindo-se rapidamente.*) Vou ajudar Mitil.

69

TILTIL.

Nós não temos sapatos.

FADA

Não tem importância. Vou dar a vocês um chapéuzinho mágico. Onde estão seus pais?

TILTIL. (*mostrando a porta à direita*)

Estão lá, dormindo.

FADA

É vovô e vovó?

TILTIL

Morreram.

FADA

E irmãozinhos e irmãzinhas? Vocês não têm?

TILTIL

Temos, sim. Três irmãozinhos.

MFTIL

E quatro irmãzinhas.

FADA

Onde estão?

TILTIL

Também morreram.

FADA

Vocês querem vê-los de nôvo?

70

TILTIL.

Queremos, sim! Agora! Mostre para nós.

FADA

Eles não estão na minha algibeira... Mas a ocasião é ótima. Vocês irão vê-los ao passarem pelo País da Saudade. É na direção do Pássaro Azul. Logo à esquerda, depois do terceiro cruzamento. Que estavam fazendo quando eu bati?

TILTIL

Brincando de comer doce.

FADA

Vocês têm doces? Onde estão?

TILTIL

No palácio dos meninos ricos. Venha ver, é tão bonito!
Conduz a Fada à janela.

FADA (*à janela*)

Eles é que estão comendo!

TILTIL

É, mas como a gente vê tudo...

FADA

Você não fica zangado?

TILTIL

Por quê?

71

FADA

Porque estão comendo tudo. Acho que fazem muito mal em não dar um pouco a você.

TILTIL

Não, porque eles são ricos. Tão bonita a casa deles, não é?

FADA

Não é mais bonita do que a casa de você.

TILTIL

Oh! Aqui em casa é mais escuro, menor, não tem doce...

FADA

É exatamente igual. Você é que não vê.

TILTIL

Eu vejo, sim, vejo muito bem, tenho uma vista esplêndida. Vejo até a hora no relógio da igreja, que papai não enxerga.

FADA (*zangando-se subitamente*)

Pois eu digo que você não vê coisíssima nenhuma! Como é que você me vê? Como é que eu sou feita? (*Silêncio constrangido de Tilttil.*) Então, não responde? (*Silêncio cada vez mais embaraçado.*) Não quer responder? Sou moça ou velhinha? Côr-de-rosa ou amarela? Tenho corcunda?

TILTIL (*benévolo*)

Bom, não é lá muito grande...

FADA

Pois pelo jeito que você fez, parece que é enorme. Meu nariz é adunco, meu olho esquerdo é vasado?

TILTIL

Não, não estou dizendo isso. Quem foi que vasou?

FADA (*cada vez mais irritada*)

Não é vasado! Atrevido! Ordinário! É até mais bonito do que o outro; maior, mais claro, azul que nem o céu. E meus cabelos, está vendo? São louros feito trigo. Até parece ouro puro. E tenho tanto cabelo, tanto, que chega a me pesar na cabeça. Espalha-se por todos os lados. Está vendo em minhas mãos?

Ostenta duas mechas ralas, de cabelos grisalhos.

TILTIL

É, estou vendo alguns.

FADA (*indignada*)

Alguns? Feixes! Braçadas! Tufos! Ondas de ouro! Sei perfeitamente que certas pessoas fingem não ver; mas você não é desses cegos de mau caráter, no que suponho.

TILTIL

Não, não, estou vendo perfeitamente os que não estão escondidos.

FADA

Mas é preciso ver os outros com a mesma coragem! Os homens são engraçados: depois que as fadas começaram a morrer, eles não vêem mais nada, não desconfiam de nada. Felizmente, carrego sempre comigo o que é necessário para reanimar os olhos mortiços. Que é que eu estou tirando do saco?

TILTIL

Ah, que lindo chapêuzinho verde! Que é isso brilhante

assim, na roseta?

FADA

É o Diamante Grande, que faz a gente ver.

TILTIL

Ah!

FADA

Pois é. Você bota o chapéu na cabeça e mexe um pouco com o Diamante; da direita para a esquerda, por exemplo — olhe, assim, está vendo? Então ele calca uma saliência do crânio, que ninguém conhece, e que faz abrir os olhos.

TILTIL

Não tem perigo?

FADA

Pelo contrário, ele também é uma fada. A gente vê no mesmo instante o que há nas coisas. Por exemplo: a alma do pão, a do vinho, a da pimenta. . .

TILTIL

Será que vê também a alma do açúcar?

FADA (*súbitamente zangada*)

Que dúvida! Não gosto de perguntas inúteis. A alma do açúcar não é mais interessante do que a alma da pimenta. Aqui têm vocês o que eu trouxe para ajudá-los na busca do Pássaro Azul. Sei perfeitamente que o Anel-que-torna-a-gente-invisível ou o Tapête-mágico seriam mais úteis. Mas perdi a chave do armário onde estão guardados. Ah, ia-me esquecendo. (*Mostra o Diamante.*) Se você pegar nele assim, está vendo? e der outra voltinha, tornará a ver o Passado. Mais outra voltinha, e verá o Futuro. É curioso, prático, e não faz barulho.

TILTIL

Papai não me deixa ficar com ele.

FADA

Seu pai não verá. Ninguém pode vê-lo enquanto estiver na cabeça de você. Quer experimentar? (*Põe o chapêuzinho verde na cabeça de Tilttil.*) Agora, vire o Diamante. Uma volta, e depois. . .

Apenas faz girar o Diamante, súbita e prodigiosa mudança opera-se em todas as coisas. A velha fada transforma-se de repente em bela, maravilhosa princesa; iluminam-se as pedras que formam as paredes da choupana; azulecem como safiras, tornam-se transparentes, cintilam e deslumbram como as pedras mais preciosas. Os trastes humildes se animam e resplandecem. A mesa de pinho se apresenta com a nobreza e a gravidade das mesas de mármore; o mostrador do relógio pisca o olho e sorri jovialmente, enquanto o tampo de vidro por trás do qual oscila o pêndulo, se entreabre e deixa escapar as Horas; dando-se as mãos, às gargalhadas, elas se põem a bailar ao som de deliciosa melodia. Espanto justificado de Tilttil, que exclama, apontando para as Horas:

TILTIL

Quem são essas moças lindas?

FADA

Não tenha medo. São as horas de sua vida, felizes por estarem soltas e visíveis durante um momento.

TILTIL

E por que é que as paredes são tão claras? São de açúcar? De pedras preciosas?

FADA

Todas as pedras são iguais, todas as pedras são preciosas: mas o homem só vê algumas.

Enquanto assim conversam, prossegue e completa-se a encantação. As almas dos Pães-de-meio-quilo, em forma de homenzinhos vestidos de malha cõr de pão, assustados e enfa-
rinhadados, se desprendem da arca e pulam em redor da mesa, onde vai ter com elles o Fogo que, saindo da lareira, vestido de malha cõr de enxõfre e vermelhão, os persegue, às garyalhadas.

TILTIL

Quem são êsses homenzinhos feios?

FADA

Não se assuste. São as almas dos Pães-de-meio-quilo. Aproveitaram o reino da verdade para saírem da arca, onde viviam muito apertadas.

TILTIL

E êsse diabo grande e vermelho, que cheira mal?

FADA

Psiu, não fale tão alto. É o Fogo. Tem mau gênio.

Êste diálogo não interrompeu a mágica. O Cão e a Gata, enrodilhados junto ao armário, dão simultâneamente um grito agudo e desaparecem num alçapão; no lugar dêles, surgem duas figuras humanas, uma com máscara de buldogue, outra com focinho de gata. O homenzinho de máscara de buldogue — que daqui por diante se chamará Cão — atira-se logo sôbre Tilttil, beijando-o violentamente e sufocando-o com barulhentas e impetuosas carícias, enquanto a mulherzinha de máscara felina — que se chamará simplesmente Gata — se penteia, lambe as mãos e alisa os bigodês antes de aproximar-se de Mitil.

CÃO (late, pula, esbarra em tudo, insuportável)

Meu deusinho, bom dia! Bom dia, meu deusinho! Finalmente chegou o dia de falar! Eu tinha tantas coisas para dizer!

Por mais que eu latisse e mexesse com o rabo, você não comprehendia. Mas agora, bom dia! Eu gosto muito, muito de você. Quer que eu faça uma coisa extraordinária? Que eu faça um bonito? Que eu ande com as patas da frente ou que dance na corda?

TILTIL (à Fada)

Quem é êsse senhor com cara de cachorro?

FADA

Não está reconhecendo? É a alma de Tilô, que você libertou.

GATA (aproxima-se de Mitil e estende-lhe a mão, cerimoniosa e circunspecta)

Bom dia, senhorita. Como está linda, hoje!

MITIL

Bom dia, minha senhora. (À Fada.) Quem é?

FADA

Tão fácil. É a alma de Tilete, que está cumprimentando. Dê-lhe um beijo.

CÃO (empurra a Gata)

Eu também vou beijar o deusinho! Vou beijar a menininha! Beijo todo mundo! Esplêndido! Como a gente vai se divertir! Vou fazer medo a Tilete: Au! Au! Au!

GATA

Não o conheço, cavalheiro...

FADA (ameaça o Cão com sua varinha)

Você aí: vai ficar bem quietinho, senão voltará ao silêncio, por tãda a eternidade!

Enquanto isso, a mágica prossegue em seu curso: a um canto, a roca entra a girar vertiginosamente, tecendo magníficos raios de luz; a torneira, no outro ângulo, começa a cantar em tom agudíssimo e, transformando-se em fonte luminosa, enche a pia de espadanas de pérolas e esmeraldas, por entre as quais se ergue a alma da Água, semelhante a uma jovem gotejante, desgrenhada e lamurienta, que vai imediatamente brigar com o Fogo.

TILTIL

É essa senhora molhada?

FADA

Não tenha medo, é a Água que sai da torneira.

A jarra de leite rola e cai da mesa, partindo-se no chão; do leite espalhado, ergue-se uma grande forma alvinitente e casta, que parece ter medo de tudo.

TILTIL

É o vulto de camisolão, com ar de medo?

FADA

É o Leite, que quebrou a jarra.

O pão de açúcar, colocado junto ao armário, cresce e rompe o invólucro de papel, de onde emerge um ser melífluo, dissimulado, envolto em guarda-pó metade branco, metade azul, e que, sorrindo beatificamente, caminha na direção de Mitil.

MITIL (inquieta)

Que é que ele quer?

FADA

É a alma do Açúcar.

MITIL (tranqüilizada)

Será que ele tem pirulitos?

FADA

Não tem outra coisa no bôlso. Seus dedos são feitos disso.

O lâmpião cai da mesa; uma vez no chão, sua chama se levanta e se transforma numa virgem luminosa de incomparável beleza. Envôlta em longos véus transparentes e deslumbrantes, mantém-se imóvel, como em êxtase.

TILTIL

É a Rainhal

MITIL

É Nossa Senhora!

FADA

Não, meus filhos, é a Luz.

Enquanto isso, nas prateleiras, as caçarolas rodam como pierras; o armário de roupa bate com as portas, e começa um magnífico desfile de tecidos côr de lua e de sol, a que se misturam, não menos esplêndidos, retalhos e andrajos que descem pela escada do celeiro. Eis, porém, que soam três pancadas bem fortes na porta da direita.

TILTIL (assustado)

É papai! Ele escutou!

FADA

Dê uma volta no Diamante, da esquerda para a direita! (Tiltil faz rodar vivamente o Diamante.) Assim depressa, não! Meu Deus, agora é tarde! Eles não poderão voltar a seus lu-

gares, e nós teremos muitos aborrecimentos. *(A Fada volta a ser uma velha, extinguem-se os esplendores nas paredes da choupana, as Horas entram no relógio, a roca imobiliza-se, etc. Na pressa e na confusão geral, porém, enquanto o Fogo dispara loucamente em redor do quarto, procurando a lareira, um dos Pães-de-meio-quilo, que não encontrou lugar na arca, principia a soluçar e solta gritos de terror.)* Que há?

PÃO *(todo lacrimoso)*

Não há mais lugar na arca!

FADA *(inclina-se sobre a arca)*

Hã, sim. *(Empurra os outros pães, que retomam seus lugares primitivos.)* Vamos, depressa, acomodem-se.

Batem outra vez à porta.

PÃO *(afobado, esforça-se em vão por entrar na casa)*

Não há jeito! Ele vai me comer em primeiro lugar!

CÃO *(pulando em redor de Tiltil)*

Ainda estou aqui, meu deusinho! Ainda posso falar! Ainda posso beijar você! Ainda! Que bom! Que bom!

FADA

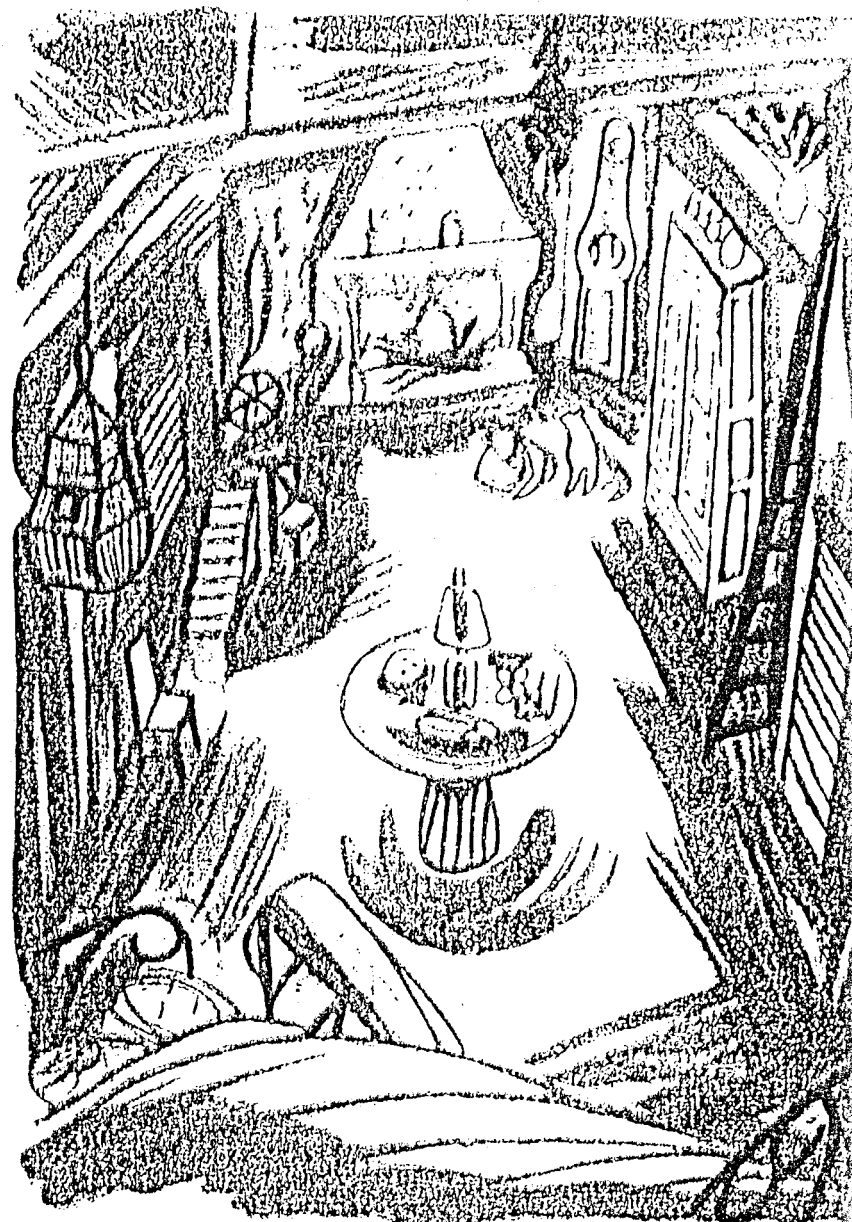
Como, você também? Ainda está aí?

CÃO

Tive sorte. Não pude voltar ao silêncio. O alçapão se fechou depressa demais.

GATA

O meu também. Que vai acontecer? Há perigo?



FADA

Meu Deus, tenho de lhes falar verdade: todos que acompanharem os dois meninos morrerão no fim da viagem.

GATA

É os que não acompanharem?

FADA

Viverão mais alguns minutos.

GATA (ao Cão)

Venha, vamos voltar para o alçapão.

CÃO

Não, não. Não quero. Quero acompanhar o deusinho. Quero falar com êle o tempo todo.

GATA

Imbecil!

Batem mais uma vez à porta.

CÃO (debulhado em lágrimas)

Não quero morrer no fim da viagem! Quero voltar imediatamente para a minha arca!

FOGO (percorre vertiginosamente o quarto, soltando assobios angustiosos)

Não encontro mais minha lareira!

ÁGUA (tenta em vão entrar na torneira)

Não posso mais entrar na torneira!

AÇÚCAR (*agita-se em redor do saco de papel*)
Rasguei meu papel de embalagem!

LEITE (*linfático e pudico*)
Quebraram minha jarrinha!

FADA
Que idiotas, meu Deus! Idiotas e poltrões! Então vocês preferem continuar a viver em suas miseráveis caixinhas, seus alçapões, suas torneiras, a acompanhar os meninos que vão procurar o Pássaro?

TODOS (*menos o Cão e a Luz*)
Preferimos, sim! Depressa! Minha torneira! Minha arca! Minha lareira! Meu alçapão!

FADA (*à Luz, que contempla ensimesmada os cacos do lampião*)
É você, Luz, que me diz?

LUZ
Eu acompanho os meninos.

CÃO (*late de alegria*)
Eu também! Eu também!

FADA
Vocês são os melhores. Aliás, já é muito tarde para recuar. Não podem mais escolher, todos seguirão conosco. Mas você, Fogo, não se aproxime de ninguém; você, Cão, não atormente a Gata; e você aí, Água, ande direitinho, procure não escorregar por toda parte.

Ouvem-se novas pancadas violentas, na porta da direita.

TILTIL (*escutando*)

É papai outra vez! Agora se levantou, estou ouvindo os passos dele.

FADA
Vamos sair pela janela. Irão todos para minha casa, onde vestirei corretamente os animais e os fenômenos. (*Ao Pão.*) Pão, segure a gaiola em que levaremos o Pássaro Azul. Fica por sua conta. Depressa, depressa, não percamos tempo.

Bruscamente, a janela se alonga como porta. Saem todos, e a janela volta à forma primitiva, fechando-se com inocência. O quarto volta a escurecer, as duas caminhas mergulham na sombra. Entrecabre-se a porta da direita, e no vão aparecem as cabeças de Papai e Mamãe Til.

PAPAI TIL
Não era nada. É o grilo cantando.

MAMÃE TIL
Está vendo os dois?

PAPAI TIL
Perfeitamente. Dormem tranqüilos.

MAMÃE TIL
Estou ouvindo a respiração deles...

Fecha-se a porta.

PANO

SEGUNDO ATO

SEGUNDO QUADRO

NO PALACIO DA FADA

Magnífico vestibulo, no palácio da Fada Beriluna. Colunas de mármore claro, com capitéis de ouro e prata, escadarias, pórticos, balaustradas, etc.

Entram pelo fundo, à direita, suntuosamente vestidos, a Gata, o Açúcar e o Fogo. Saem de um aposento do qual brotam raios de luz: o quarto-de-vestir da Fada. A Gata recobriu com uma gaze leve a malha de sêda preta: o Açúcar envolveu-se num traje de sêda, metade branco metade azul-claro; o Fogo tem à cabeça plumas multicores e usa longo manto carmesim, forrado de ouro. Atravessam a sala de ponta a ponta, e chegam ao primeiro plano, à direita, onde a Gata os reúne sob o pórtico.

GATA

Por aqui. Conheço todos os meandros dêste palácio. Era do Barba Azul, e a Fada o ganhou, como herança. Enquanto os meninos e a Luz visitam a filhinha da Fada, vamos aproveitar nosso derradeiro minuto de liberdade. Chamei-os aqui para conversarmos sôbre a situação que nos criaram. Todos estão presentes?

AÇÚCAR

Ali está o Cão, que veio do quarto-de-vestir da Fada.

FOGO

Que roupa mais esquisita êle foi arranjar?!

GATA

Pegou a libré de um dos lacaios da carruagem da Cinderela; era a roupa que mais lhe assentava. Tem alma de criado. Vamos nos esconder atrás da balaustrada. Tenho uma desconfiança esquisita dele. É melhor que não escute o que vou dizer a vocês.

AÇÚCAR

Não adianta. Já nos descobriu. Olhe, ali está a Água, que saiu ao mesmo tempo do quarto-de-vestir. Meu Deus, que beleza!

O Cão e a Água juntam-se ao primeiro grupo.

Cão (aos pulos)

Vejam! Vejam só! Não estamos lindos? Olhem estas rendas, estes bordados! Ouro puro!

GATA (à Água)

Não é o vestido côr-do-tempo, de Pele-de-Asno? Tenho a impressão de que é meu conhecido...

ÁGUA

É, sim. É o que mais me assenta.

FOGO (entre dentes)

Ela está sem guarda-chuva.

ÁGUA

Como?

FOGO

Nada, não.

88

ÁGUA

Pensei que estivessem falando sobre um narição vermelho que vi há dias.

GATA

Ora, não vamos brigar, temos mais que fazer. Estamos só à espera do Pão. Por onde andará ele?

CÃO

Estava embaraçadíssimo para escolher a roupa.

FOGO

Que adianta, quando se tem o ar idiota e uma barrigona...

CÃO

Final, escolheu um costume turco, recamado de jóias, cimitarra-e-turbante.

GATA

Aí vem ele! Envergou o mais lindo traje do Barba Azul.

Entra o Pão, no traje que acaba de ser descrito. A túnica de seda cai penosamente sobre a enorme barriga. Com uma das mãos, segura o cabo da cimitarra presa à cintura, e, com a outra, a gaiola destinada ao Pássaro Azul.

Pão (gingando vaidosamente)

Então? Como é que vocês me acham?

Cão (pulando em redor do Pão)

Que bonito! Que boboca! Que bonito! Que bonito!

GATA (ao Pão)

Os garotos estão prontos?

89

PÃO

Estão. O senhor Tiltil pôs o casaco vermelho, as meias brancas e o calção azul do Pequeno Polegar. A senhorita Mitil está com o vestido da Bela Adormecida e os sapatinhos de Cinderela. O problema foi vestir a Luz.

GATA

Por quê?

PÃO

A Fada achou que era uma pena vesti-la, de tão bonita que é. Eu protestei em nome da nossa dignidade de elementos essenciais e eminentemente respeitáveis. Cheguei a declarar que, nessas condições, eu me recusava a sair com ela.

FOGO

Devia-se comprar um abajur para ela.

GATA

E a Fada, que respondeu?

PÃO

Me deu umas bastonadas na cabeça e na barriga.

GATA

E daí?

PÃO

Eu me convenci imediatamente, mas à última hora a Luz se decidiu pelo vestido côr-de-luar, que estava no fundo do cofre de tesouros de Pele-de-Asno.

GATA

Vamos, chega de conversa, o tempo urge. Trata-se de nosso futuro. Vocês escutaram o que a Fada acabou de dizer:

o fim desta viagem será também o fim de nossa vida. Portanto, é preciso esticá-la o mais possível, de todos os modos. E há outra coisa ainda: temos de pensar na sorte de nossa raça, no destino de nossos filhos.

PÃO

Muito bem! Bravo! A Gata está com a razão!

GATA

Escutem. Todos aqui presentes, animais, coisas e elementos, possuímos uma alma que o homem não conhece ainda. É por isso que conservamos um resto de independência. Mas se ele achar o Pássaro Azul, saberá tudo, verá tudo, e ficaremos completamente à sua mercê. Eis o que acaba de me participar minha velha amiga a Noite, que é ao mesmo tempo guarda dos mistérios da Vida. Portanto, é do nosso interesse impedir a todo custo que esse pássaro seja encontrado, mesmo que se torne imperativo ameaçar a própria vida desses garotos.

cão (*indignado*)

Que é que essa coisa aí está dizendo? Repita, para eu escutar bem!

PÃO

Silêncio! O senhor não está com a palavra. Sou eu quem preside a assembléia.

FOGO

Quem foi que o nomeou presidente?

ÁGUA (*ao Fogo*)

Silêncio! É da sua conta?

FOGO

É da minha conta o que me interessa. Não tenho que lhe dar satisfações.

AÇÚCAR (*conciliador*)

Com licença: não vamos brigar. A hora é grave. Antes de tudo, precisamos nos entender sobre as medidas a tomar.

PÃO

Participo inteiramente da opinião do Açúcar e da Gata.

CÃO

Tolice! O que há é o Homem, e nada mais! Temos de obedecer a ele, fazer tudo que ele quiser. Só isso é que vale. Só conheço a ele. Viva o Homem! Tudo pelo Homem, para a vida e para a morte! Ele é deus!

PÃO

Participo inteiramente da opinião do Cão.

GATA (*ao Cão*)

Mas estamos dando nossas razões...

CÃO

Não há razões! Eu gosto do Homem, e basta. Se fizerem alguma coisa contra ele, primeiro eu estrangulo vocês, e depois vou contar tudo a ele!

AÇÚCAR (*intervindo com doçura*)

Com licença... Não azedemos a discussão. De certo ponto de vista, todos dois estão certos. Há prós e contras...

PÃO

Participo inteiramente da opinião do Açúcar!

GATA

Pois todos aqui, Água, Fogo, e até vocês mesmos, Pão e Cão, não somos vítimas de uma tirania inqualificável? Lem-

brem-se de como era antes da vinda do despota: nós passeávamos livremente pela face da terra. A Água e o Fogo eram senhores absolutos do mundo; vejam o que eles são hoje. Quanto a nós, pobres descendentes dos grandes animais ferozes... Atenção! Disfarçemos. A Fada e a Luz se aproximam. A Luz tomou o partido do Homem, é a nossa pior inimiga. Aí estão elas.

Entram pela direita a Fada e a Luz, seguidas por Tilttil e Mitil.

FADA

Então, que é isso? Que fazem aí nesse canto? Parecem estar conspirando. Já é tempo de começar a viagem. Resolvi agora que a Luz vai chefiar vocês. Devem obedecer-lhe como se fôsse eu mesma; ela ficará com a minha varinha. Esta noite, os meninos irão visitar seus avós que morreram. Vocês, por discrição, não os acompanhem. Eles passarão a noite com a família desaparecida. Enquanto isso, vocês preparem tudo que é necessário para a caminhada de amanhã, que vai ser comprida. Vamos, de pé! A caminho, cada um no seu pôsto!

GATA (*com hipocrisia*)

Exatamente o que eu estava dizendo a eles, Dona Fada. Eu os exortava a cumprirem o dever conscienciosa e corajosamente; pena é que o Cão não parasse de me interromper.

CÃO

Que é que ela está dizendo? Espere um pouco!

Vai saltar sobre a Gata, mas Tilttil, que previu o seu impulso, o detém com um gesto ameaçador.

TILTIL

Quieto, Tilô! Cuidado. Se fizer isso mais uma vez...

CÃO

Meu deusinho, você não sabe: foi ela que...

TILTIL (*ameaçando-o*)

Cale a boca!

FADA

Bem, acabamos com isso. Esta noite, o Pão dará a gaiola a Tilttil. O Passaro Azul talvez esteja escondido no Passado, em casa dos avôzinhos. De qualquer modo, é uma hipótese que não convém desprezar. Muito bem, "seu" Pão, e essa gaiola?

PÃO (*solene*)

Um momento, por favor, Dona Fada. (*Como orador que toma a palavra.*) Todos vós sois testemunhas de que esta gaiola de prata, que me foi confiada pela...

FADA (*interrompendo-o*)

Basta, nada de frases. Sairemos por ali, os meninos por aqui.

TILTIL (*um tanto preocupado*)

Vamos sair sòzinhos?

MITIL

Estou com fome.

TILTIL

Eu também.

FADA (*ao Pão*)

Desabote essa roupa turca e dê-lhe um pedaço de sua barriguinha.

O Pão desabota a roupa, tira a cimitarra e corta duas fatias de sua própria e gorda barriga, oferecendo-as às crianças.

AÇÚCAR (*aproxima-se dos meninos*)

Permitam que lhes ofereça também alguns pirulitos.

Quebra um a um os dedos da mão esquerda e oferece-os aos meninos.

MITIL

Que é que ele está fazendo? Quebrou todos os dedos!

AÇÚCAR (*obsequioso*)

Experimentam, são ótimos. Pirulitos de verdade.

MITIL (*chupando um dedo*)

Meu Deus, que gostoso! Você tem mais?

AÇÚCAR (*modesto*)

Claro, quanto eu quiser.

MITIL

Dói quando quebra?

AÇÚCAR

Absolutamente. Pelo contrário. É até vantajoso: eles brotam logo, e dessa maneira tenho sempre dedos limpos e novos.

FADA

Vamos, meus filhos, não comam açúcar demais. Não se esqueçam de que daqui a pouco irão jantar em casa de seus avós.

TILTIL

Êles estão aqui?

FADA

Irão vê-los daqui a um momento.

TILTIL

Como é que vamos vê-los, se já morreram?

FADA

Morreram como, se estão vivos na lembrança de vocês? Os homens não sabem dêste segredo, porque sabem muito pouca coisa; mas você, graças ao Diamante, verá que os mortos que recordamos vivem tão felizes como se não tivessem morrido.

TILTIL

A Luz vem conosco?

LUZ

Não, é melhor que tudo se passe em família. Vou esperar aqui na vizinhança, para não parecer indiscreta. Eles não me convidaram.

TILTIL

Por onde é que nós vamos?

FADA

Por aqui. Estão no limiar do País da Saudade. Logo que virar o Diamante, você verá a árvore, com um letreiro, indicando a chegada. Não se esqueçam de que todos dois devem estar de volta às oito e quarenta e cinco. É da maior importância. Acima de tudo, sejam pontuais. Tudo estará perdido se se atrasarem. Até já. (*Chamando a Gata, o Cão, a Luz, etc.*) Por aqui. Os pequenos, por ali.

Sai pela direita, com a Luz, os animais, etc., enquanto os meninos saem pela esquerda.

PANO

TERCEIRO QUADRO

NO PAIS DA SAUDADE

Nevoeiro espesso, do qual emerge, à direita, bem no primeiro plano, o tronco do grande carvalho, com um letreiro. Claridade látea, difusa, impenetrável.

Tilttil e Mitil estão junto ao carvalho.

TILTIL

Olhe a árvore!

MITIL

Com o letreiro!

TILTIL

Não consigo ler. Espere, vou subir nesta raiz. É isso mesmo. Está escrito: "País da Saudade".

MITIL

Ele começa aqui?

TILTIL

É, tem uma flecha.

MITIL

Muito bem, onde estão vovô e vovó?

TILTIL

Atrás do nevoeiro. Vamos ver.

MITIL

Não vejo absolutamente nada. Nem meus pés, nem minhas mãos. (*Choramindo.*) Estou com friol. Não quero mais viajar... Quero voltar para casa...

TILTIL

Vamos, não fique aí chorando o tempo todo, feito a Água. Que vergonha, uma menina tão grande! Olhe, o nevoeiro está diminuindo. Vamos ver o que há lá dentro.

Realmente, a bruma começa a mover-se; vai ficando mais tênue, clareia, dispersa-se, evapora-se. Dentro em pouco, na claridade cada vez mais transparente, sob um dossel de folhagem, surge alegre casinha de camponês, coberta de trepadeiras. Porta e janelas abertas. Colméias sob o telheiro, vasos de flôres no peitoril das janelas, a gaiola com um melro adormecido, etc. Junto à porta, sentados no banco, dormem profundamente um velho camponês e sua mulher — o avô e a avó de Tilttil.

TILTIL (*reconhece-os de repente*)

Vovô e vovó!

MITIL (*bate palmas*)

É mesmo, são eles! São eles!

TILTIL (*ainda um pouco desconfiado*)

Cuidado! A gente não sabe ainda se eles podem se mexer. Vamos ficar atrás da árvore.

Vovó Til abre os olhos, levanta a cabeça, espreguiça-se, suspira, olha Vovô Til, que também acorda lentamente.

VOVÓ TIL

Tenho impressão de que nossos netinhos ainda vivos nos farão hoje uma visita.

VOVÓ TIL

Com certeza eles pensam em nós, pois estou me sentindo perturbado, esse formigamento nas pernas...

VOVÓ TIL

Acho que estão pertinho daqui. Há lágrimas de alegria dançando nos meus olhos...

VOVÔ TIL.

Não, não, estão muito longe. Ainda me sinto fraco.

VOVÔ TIL.

Pois eu digo que estão aí. Já me voltaram as forças.

TILTIL e MITIL (*precipitam-se de detrás do carvalho*)

Estamos aqui! Estamos aqui! Vovôzinho, vovôzinha! Somos nós! Somos nós!

VOVÔ TIL.

Aqui? Está vendo? Eu não dizia? Tinha certeza que viriam hoje.

VOVÔ TIL.

Tilttil Mitil É ele! É ela! São eles! (*Tenta correr na direção deles.*) Não posso correr! Continuo com reumatismo!

VOVÔ TIL (*acode também, capengando*)

Eu também. Essa perna que me botaram quando quebrei a outra ao cair do carvalho grande!

Avós e meninos beijam-se efusivamente.

VOVÔ TIL.

Você está gordo, forte, meu Tilttil!

VOVÔ TIL (*acaricia os cabelos de Mitil*)

E Mitil? Olhe só que cabelos, que maravilha de olhos! E como está cheirosa!

VOVÔ TIL.

Quero mais beijos. Venham para o meu colo.

VOVÔ TIL.

Não, não. Primeiro, eu. Como vão Papai e Mamãe Til?

TILTIL

Muito bem, vovô. Estavam dormindo quando saímos.

VOVÔ TIL (*contempla-os e cumula-os de carícias*)

Benza-os Deus, como estão bonitos, limpinhos! Foi mãe quem lavou o seu rosto? Suas meias não estão furadas. Antigamente, eram cerzidas por mim. Por que não vêm nos visitar sempre? Ficamos tão satisfeitos. Há meses e meses que vocês nos esqueceram, que não vemos ninguém...

TILTIL

Não podíamos, vovô. Foi por gentileza da Fada que hoje...

VOVÔ TIL

Estamos sempre aqui, à espera de uma visitinha dos que vivem. São tão raras! A última vez que vocês vieram, espere — quando foi mesmo? No Dia de Todos os Santos, quando tocou o sino da igreja...

TILTIL

No Dia de Todos os Santos? Não saímos naquele dia, estávamos tão resfriados.

VOVÔ TIL

Não saíram, mas pensaram em nós.

TILTIL

Foi, sim.

VOVÔ TIL

Pois bem, toda vez que pensam em nós, a gente acorda e torna a vê-los.

TILTIL

Como? Então basta que...?

VOVÓ TIL.

Ora, você sabe muito bem.

TILTIL.

Não sei, não.

VOVÓ TIL. (*a Vovô Til*)

É espantoso, lá em cima. Ainda não sabem. Não aprendem nada, então?

VOVÓ TIL.

No nosso tempo já era assim. Os Vivos são tão idiotas, quando falam dos Outros...

TILTIL.

Vocês dormem o tempo todo?

VOVÓ TIL.

Sim, dormimos um bocádo, à espera de um pensamento dos Vivos, que nos desperte. Ah, é bom dormir, depois que a vida acabou. Mas também é agradável acordar de vez em quando.

TILTIL.

Não estão mortos de verdade, então?

VOVÓ TIL. (*sobressaltando-se*)

Que é que você está dizendo? Que é que ele diz? Emprega palavras que não compreendemos. Será algum termo novo, alguma invenção?

TILTIL.

A palavra "morto"?

VOVÓ TIL.

É, sim. Que quer dizer?

TILTIL.

Quer dizer pessoa que não vive mais.

VOVÓ TIL.

São bem idiotas, lá em cima!

TILTIL.

É bom, aqui?

VOVÓ TIL.

É. Mais ou menos. Mas se as pessoas ainda rezassem...

TILTIL.

Papai me disse que não se deve mais rezar.

VOVÓ TIL.

Deve-se, deve-se. Rezando, a gente se lembra.

VOVÓ TIL.

Pois é, tudo iria bem, se pelo menos vocês viessem nos visitar mais vezes. Lembra-se, Tilttil? Da última vez, eu fiz uma linda torta de maçãs. Você comeu tanto, tanto, que adoeceu.

TILTIL.

Eu não como torta de maçãs desde o ano passado. Este ano não houve maçã.

VOVÓ TIL.

Não diga tolices. Aqui há sempre maçã.

TILTIL.

Não é a mesma coisa.

VOVÓ TIL.

Como não é a mesma coisa? É tudo a mesma coisa, quando a gente pode se beijar.

TILTIL (olha alternadamente para o Avô e a Avó)

Você não mudou nada, vovô, absolutamente nada. Vovô também não mudou nem um tiquinho. Estão até mais bonitos...

VOVÔ TIL

Oh, vai-se indo como Deus é servido. Não envelhecemos mais. Vocês é que cresceram, hein? É, estão subindo de verdade. Olhem, na porta se vê ainda a marca da última vez. Foi no Dia de Todos os Santos. Vamos, fique bem aprumado. (Tilttil se apruma, encostado à porta.) Quatro dedos. É muito! (Mitil também se perfila, encostada à porta.) Mitil, quatro e meio. Ô, sementinha danada! Como cresce, como cresce!

TILTIL (olha em redor, enlevado)

Como tudo está direitinho, nos seus lugares! É tudo mais bonito! Olhe o relógio com o ponteiro grande, que eu quebrei.

VOVÔ TIL

E esta é a sopeira que você desbeçou.

TILTIL

Aquêlé é o furo que eu fiz na porta, no dia em que achei uma verruma.

VOVÔ TIL

É mesmo, quanto esraço você fêz! É ali está a ameixeira em que você gostava de subir, na minha ausência. Continua a dar ameixas vermelhas, tão bonitas.

TILTIL

Agora são muito mais bonitas!

MITIL

E este é o velho melro. Será que ele ainda canta?

O melro acorda e começa a cantar com toda a força.

VOVÔ TIL

Está vendo? Basta pensar nêle.

TILTIL (nota, estupefato, que o melro é todo azul)

Ele é azul! É o Pássaro Azul, que eu tenho de levar para a Fada! E vocês não me disseram que ele estava aqui! Ah, como é azul, azul, azulinho feito uma bola de gude azul! (Suplicante.) Vovô, vovô, posso ficar com ele?

VOVÔ TIL

Está bem, acho que pode. Que lhe parece, Mamãe Til?

VOVÔ TIL

Claro que pode. Para que serve ele aqui? Vive dormindo, não canta nunca.

TILTIL

Vou botá-lo na gaiola. Ué, onde está minha gaiola? Ah, é verdade, esqueci atrás da árvore grande. (Corre até a árvore, apanha a gaiola e coloca o melro dentro.) Então, é verdade, vocês me deram este pássaro a sério? Ih, como a Fada vai ficar satisfeita! E a Luz, então!

VOVÔ TIL

Sabe? Não me responsabilizo por esse passarinho. Tenho medo de que ele não se acostume com a vida agitada lá de cima, e aproveite o primeiro ventinho propício para voltar. Enfim, veremos. Deixe ele aí um momento e venha ver a vaca.

TILTIL (observando a colméia)

E as abelhas, como vão?

VOVÔ TIL

Vão indo. Também não vivem mais, como dizem vocês por lá, mas trabalham de verdade.

TILTIL (*aproxima-se da colméia*)

É mesmo, que cheiro de mel! Os favos devem estar cheios!
É as flôres tôdas que beleza! Minhas irmãzinhas que morreram
também estão aqui?

MITIL

E meus três irmãozinhos enterrados, onde estão?

*A essas palavras, sete criancinhas de tamanhos diferentes,
em escadinha, saem da casa, uma por uma.*

VOVÓ TIL

Estão aqui; estão aqui. Basta a gente pensar, basta falar
nêles, aparecem os diabinhos!

*Tiltil e Mitil correm ao encontro das criancinhas. Esbarram
uns nos outros, beijam-se, dançam, rodopiam, gritam de fe-
licidade.*

TILTIL

Olhe ali, é Pedrinho! (*Agarram-se pelos cabelos.*) Ah,
vamos brigar outra vez, como antigamente! É Roberto! Bom
dia, João! Onde está sua piorra? Madalena, Pierrete, Paulina,
Riquette!

MITIL

Ah, Riquette, Riquette! Continua engatinhando...

VOVÓ TIL

É, ela não cresce mais.

TILTIL (*notando o Cãozinho, que late em torno dêles*)

Esse é Quiqui. Cortei o rabo dêle com a tesoura de
Paulina. Também não mudou nada.

VOVÔ TIL (*sentencioso*)

É, aqui não muda coisa nenhuma.

TILTIL

É Paulina, sempre com a verruga no nariz!

VOVÓ TIL

É, não sai. Não há nada a fazer.

TILTIL

Ah, como êles têm boa cara, como estão gordos, relu-
zentes! Que carinhas bonitas! Estão alimentados, não é?

VOVÓ TIL

Passam bem melhor depois que deixaram de viver. Não
têm mais nada a recear, não têm preocupações, nunca adoecem.

O relógio da casa dá oito horas.

VOVÓ TIL (*estupefata*)

Que é isso?!

VOVÔ TIL

Palavra que não sei. Deve ser o relógio.

VOVÓ TIL

Não é possível. Êle não bate nunca.

VOVÔ TIL

É porque não pensamos mais na hora. Alguém pensou
na hora?

TILTIL

Fui eu. Quantas horas são?

VOVÔ TIL

Palavra que não sei mais. Perdi o hábito. Deu oito pan-
cadas. Deve ser o que, lá em cima, êles chamam de oito horas.

TILTIL

A Luz me espera às oito e quarenta e cinco. Negócio da Tada. É muito importante. Vou-me embora.

VOVÓ TIL

Não vão nos deixar assim à hora da ceia. Depressa, depressa, vamos servir a mesa em frente à porta. Logo hoje, que há uma ótima sopa de couve e uma linda torta de ameixas...

Trazem a mesa, preparam-na em frente à porta, carregam travessas, pratos, etc. Todos ajudam.

TILTIL

Bem, uma vez que eu já tenho o Pássaro Azul... E depois, há tanto tempo que não provo sopa de couve! Desde que comecei a viajar. Não há disso nos hotéis.

VOVÓ TIL

Eis aí. Tudo pronto. À mesa, meninos! Se estão com pressa, não vamos perder tempo.

Acende-se o lampião e serve-se a sopa. Avós e meninos sentam-se em volta para a refeição noturna, entre empurrões, xingamentos, gritos e risadas.

TILTIL (*comendo gulosamente*)

Que gostosa, meu Deus, que gostosa! Quero mais! Mais!

Empunha a colher de pau e bate com ela no prato, ruidosamente.

VOVÓ TIL

Espere aí, calma. Sempre mal-educado! Acaba quebrando o prato.

TILTIL (*meio levantado sobre o banquinho*)

Quero mais! Quero mais!

Pega e puxa a sopeira, derrubando-a; a sopa se derrama sobre a mesa e sobre os joelhos dos convivas. Gritos e uivos de gente queimada.

VOVÓ TIL

Viu? Eu bem que preveni!

VOVÓ TIL (*dando em Tilttil um tapa estalado*)

Tomc para você!

TILTIL (*perturbado por um momento, logo bota a mão no rosto, com enlêvo*)

Ah, eram assim mesmo os tapas que você me dava, quando era vivo! Que tapa gostoso, vovô, faz um bein! Vou dar um beijo em você!

VOVÓ TIL

Bem, se isso lhe dá prazer, tem mais ainda.

O relógio dá oito horas e meia.

TILTIL (*sobressaltado*)

Oito e meia! (*Atira a colher.*) Mitil, estamos em cima da hora!

VOVÓ TIL

Ora, mais alguns minutos! A casa pegou fogo? A gente se vê tão pouco...

TILTIL

Não, não é possível. A Luz é tão camarada... E eu prometi a ela. Vamos, Mitil, vamos.

VOVÓ TIL

Santo Deus, como os Vivos são aborrecidos, com seus negócios, suas agitações!

TILTIL. (pegando a gaiola, beija todo mundo, apressado, em volta da mesa)

Adeus, vovô! Adeus, vovô! Adeus, irmãos, irmãs, Pedrinho, Roberto, Paulina, Madalena, Riquette, e você também, Quiqui! Sinto que não podemos continuar aqui. Não chore, vovô, nós voltaremos muitas vezes.

vovô TIL.

Voltem todos os dias!

TILTIL.

Pois não. Voltaremos o maior número de vezes possível

vovô TIL.

É a nossa única alegria. Que festa, quando o pensamento de vocês nos visita!

vovô TIL.

Não temos outras distrações...

TILTIL.

Depressa, depressa! Minha gaiola! Meu passarinho!

vovô TIL. (dá-lhe a gaiola)

Aqui estão. Sabe, eu não me responsabilizo de modo algum. Talvez ele não esteja bem tinto.

TILTIL.

Adeus! Adeus!

IRMÃOS E IRMÃS TIL.

Adeus, Tilttil! Adeus, Mitil! Não se esqueçam do pirulito!
Adeus! Voltem! Voltem!

Todos agitam lenços, enquanto Tilttil e Mitil se afastam lentamente. Já durante as últimas falas, porém, o nevoeiro começou a voltar gradualmente a formar-se, e o som das vozes se foi enfraquecendo, de maneira que, ao findar a cena, desapareceu na bruma, e, ao cair o pano, de novo se viu apenas Tilttil e Mitil junto ao grande carvalho.

TILTIL.

Por aqui, Mitil.

MITIL.

Quedê a Luz?

TILTIL.

Não sei. (Fita o pássaro na gaiola.) Olhe, o pássaro não está mais azul! Ficou preto!

MITIL.

Me dê a mão, irmãozinho. Estou com muito medo e sinto tanto frio...

| PANO



TERCEIRO ATO

QUARTO QUADRO

NO PALACIO DA NOITE

Vasta e prodigiosa sala, de magnificência austera, rígida, metálica e sepulcral, dando impressão de templo Grego ou egípcio, cujas colunas, arquitraves, lajes e ornamentos fossem de mármore preto, de ouro e de ébano. Sala em forma de trapézio. Degraus de basalto, que lhe ocupam quase toda a largura, dividem-na em três planos sucessivos, que se elevam gradualmente para o fundo. A direita e à esquerda, entre colunas, portas de bronze escuro. Ao fundo, portão monumental de bronze. Apenas uma claridade difusa, que parece emanar da própria natureza do mármore e do ébano, ilumina o palácio.

Ao levantar-se o pano, a Noite, sob a aparência de mulher lindíssima, coberta de longas vestes negras, está sentada nos degraus do segundo plano, entre dois meninos: um destes, seminu, como o Amor, dorme profundamente e sorri, enquanto o outro se mantém de pé, imóvel e coberto dos pés à cabeça. — A Gata entra pela direita, no primeiro plano.

NOITE

Quem vem lá?

GATA (cai exausta, nos degraus de mármore)
Sou eu, mamãe Noite. Não agüento mais.

NOITE

Que é que você tem, minha filha? Está pálida, magrinha, suja até os bigodes! Continua brigando no telhado, sob a neve e a chuva?

GATA

Não se trata de telhado, ora. Trata-se do nosso segredo. É o começo do fim. Consegui sair um momento para preveni-la, mas receio que não haja nada a fazer.

NOITE

Como? Que aconteceu?

GATA

Já lhe falei sobre o pequeno Tilttil, filho do lenhador, e sobre o Diamante mágico. Pois bem, Tilttil vem aí para lhe tomar o Pássaro Azul.

NOITE

Ainda não o pegou.

GATA

Pegará daqui a pouco, se não fizermos um milagre. Acontece que a Luz vem quiando. Ela nos traiu a todos, pois ficou inteiramente do lado do Homem. A Luz acaba de saber que o Pássaro Azul, o verdadeiro, o único que pode viver na claridade do dia, está escondido aqui, entre os pássaros azuis dos sonhos, que se alimentam de raios de lua e morrem ao nascer do sol. Ela sabe que não pode transpor o limiar deste palácio, porém mandou os meninos virem em seu lugar. Como a Senhora não pode impedir o Homem de desvendar os seus segredos, não sei como isso vai acabar. De qualquer modo, se por infelicidade eles botarem a mão no verdadeiro Pássaro Azul, só nos resta desaparecer.

NOITE

Oh, Senhor! Oh, Senhor! Em que tempo nós vivemos! Não tenho mais um minuto de descanso. Não compreendo mais o Homem de uns anos para cá. Onde ele quer chegar? Que necessidade tem de saber tudo? Já descobriu a terça parte dos meus Mistérios, todos os meus Pavores andam apavorados e não têm mais coragem de sair, meus Fantasmas fugiram, a maior parte de minhas Doenças não está se sentindo bem...

GATA

Eu sei, mamãe Noite, eu sei. Os tempos estão duros, ficamos quase sòzinhas na luta contra o Homem. Mas sinto que se aproximam. Só vejo um recurso: como eles são garotos, é preciso lhes meter um medo tamanho que não tenham coragem de insistir nem de abrir o portão do fundo, atrás do qual estão os pássaros da Lua. Os segredos das outras cavernas bastarão para distrair a atenção deles, ou para aterrorizá-los.

116

NOITE (*presta ouvidos a um rumor de fora*)

Que barulho é esse? São muitos, então?

GATA

Não é nada. São nossos amigos Pão e Açúcar. A Água está indisposta e o Fogo não pôde vir, porque é parente da Luz. Só o Cão é que não está conosco, mas não há jeito de afastá-lo.

Entram timidamente, pela direita, no primeiro plano, Tilttil, Míttil, o Pão, o Açúcar e o Cão.

GATA (*corre na direção de Tilttil*)

Por aqui, por aqui, meu senhorzinho. Preveni a Noite, que ficou encantada com a sua visita. Ela pede desculpas; está um pouco indisposta, por isso não pôde ir ao seu encontro.

TILTIL

Bom dia, Dona Noite.

NOITE (*ofendida*)

Bom dia? Não sei o que é isso. Poderia perfeitamente dizer: boa noite, ou pelo menos: boa tarde.

TILTIL (*desapontado*)

Perdão, minha senhora... Eu não sabia. (*Aponta para os dois meninos.*) São seus filhinhos? Tão simpáticos!

NOITE

É, este é o Sono.

TILTIL

Por que é tão gordo assim?

NOITE

Porque dorme muito.

117

TILTIL

É a outra, que se escondeu? Por que tapou o rosto? Está doente? Como se chama?

NOITE

É irmã do Sono. É melhor não dizer o nome.

TILTIL

Por quê?

NOITE

É um nome que ninguém gosta de ouvir. Vamos mudar de assunto. A Gata me disse agora mesmo que você vem à procura do Pássaro Azul?...

TILTIL

É, sim, se a senhora permitir. Quer me dizer onde ele está?

NOITE

Não sei de nada, meu filho. Tudo que posso afirmar é que aqui ele não está. Nunca o vi na minha vida.

TILTIL

Pois está. A Luz me disse que está, e ela sabe o que diz. Quer me emprestar as chaves?

NOITE

Isso não, filhinho. Você compreende que não posso dar assim minhas chaves ao primeiro que chegar. Vigio todos os segredos da Natureza, sou responsável por eles, e estou absolutamente proibida de confiá-los a quem quer que seja, quanto mais a uma criança.

TILTIL

A senhora não tem direito de recusá-las ao Homem, que está pedindo. Eu sei.

NOITE

Quem lhe disse?

TILTIL

A Luz.

NOITE

Sempre a Luz! Ainda e sempre a Luz! Que tem ela com isso, afinal?

CÃO

Quer que eu tome as chaves à força, meu deusinho?

TILTIL

Cale a boca, fique quieto e procure ser bem-educado. (A Noite.) Vamos, minha senhora, me dê as chaves, por obséquio.

NOITE

Você tem o sinal, pelo menos? Onde está?

TILTIL (toca no chapéu)

Aqui está o Diamante.

NOITE (resigna-se ao inevitável)

Sendo assim... Esta é a chave que abre todas as portas do salão. Se lhe acontecer alguma desgraça, a culpa é sua. Não assumo qualquer responsabilidade.

PÃO (preocupadíssimo)

É perigoso?

NOITE

Perigoso? Quer dizer, eu mesma não sei bem como irei me arranjar, quando algumas dessas portas de bronze se abrirem

diante do abismo. Estão lá dentro, em redor dêste salão, em cada uma dessas cavernas de basalto, todos os males, todos os flagelos, tôdas as doenças, todos os terrôres, tôdas as catástrofes, todos os mistérios que atormentam a vida desde o comêço do mundo. Tive muita dificuldade em prendê-los, com o auxilio do Destino; e é com esforço, posso garantir, que mantenho um pouco de ordem entre êsses tipos indisciplinados. É fácil imaginar o que acontece quando um dêles foge e aparece na terra.

PÃO

Minha idade venerável, minha experiência e meu devotamento fazem de mim o protetor natural destas duas crianças. Eis por que, Dona Noite, peço licença para lhe fazer uma pergunta.

NOITE

Faça.

PÃO

Em caso de perigo, por onde é que a gente foge?

NOITE

Não há meio de fugir.

TILTIL (*toma a chave e sobe os primeiros degraus*)

Vamos começar por aqui. Que há por trás desta porta de bronze?

NOITE

Creio que são os Fantasmas. Da última vez que eu a abri, há muito tempo, eles não saíram.

TILTIL (*introduz a chave na fechadura*)

Vou ver. (*Ao Pão.*) Você está com a gaiola do Pássaro Azul?

PÃO (*batendo os dentes*)

Não é que eu tenha medo, mas não acha que seria preferível deixar como está, e olhar pelo buraco da fechadura?

TILTIL

Não pedi sua opinião.

MITIL (*começa de súbito a chorar*)

Estou com medo! Onde está o Açúcar? Quero voltar para casa!

AÇÚCAR (*solicito, obsequioso*)

Aqui, senhorita, estou aqui. Não chore. Vou cortar o dedo para lhe oferecer um pirulito.

TILTIL

Vamos acabar com isso.

Faz girar a chave e entreabre cautelosamente a porta. Logo fogem cinco ou seis Espectros de formas diversas e estranhas, espalhando-se por todos os lados. O Pão, aterrorizado, atira a gaiola e vai esconder-se no fundo do salão, enquanto a Noite, perseguindo os Espectros, grita para Tilttil:

NOITE

Depressa, depressa! Feche a porta! Vão fugir todos, e não podemos pegá-los! Vivem caceteados lá dentro, depois que o Homem deixou de levá-los a sério... (*Persegue os Espectros, com um chicote de serpentes, tentando reconduzi-los à porta da prisão.*) Me ajudem! Por aqui! Por aqui!

TILTIL (*ao Cão*)

Vamos, ajude, Tiló!

CÃO (*saltando e latindo*)

Já vou! Já vou!

TILTIL

É o Pão, onde está?

PÃO (no fundo do salão)

Aqui. Estou junto da porta, para impedir que eles saiam.

· Ao ver um dos Espectros avançar para esse lado, êle foge desabaladamente, soltando gritos de pavor.

NOITE (a três Espectros, agarrando-os pelo pescoço)

Por aqui, vocês! (A Tilttil.) Abra um pouquinho a porta. (Solta os Espectros na caverna.) Lá dentro, tudo vai bem. (O Cão traz outros dois.) Esses também. Vamos, depressa, arranjem-se! Sabem perfeitamente que só sairão daqui no Dia de Todos os Santos.

Fecha a porta.

TILTIL (dirige-se a outra porta)

Que há atrás desta?

NOITE

Para quê? Eu já disse, o Pássaro Azul nunca passou por aqui. Mas seja como você quiser. Pode abrir, se lhe agrada. São as Doenças.

TILTIL (com a chave na fechadura)

Será preciso tomar cuidado, ao abrir?

NOITE

Não, não vale a pena. Estão bem sossegadas, coitadinhas. Não são felizes. O Homem lhes moveu tamanha guerra, de tempos para cá! Principalmente depois da descoberta dos micróbios. Pode abrir, e verá.

Tilttil escancara a porta. Não aparece nada.

TILTIL

Elas não saem?

NOITE

Eu avisei: quase tôdas estão doentes, desanimadíssimas. Os médicos não são delicados com elas. Entre um instante, para espiar.

Tilttil entra na caverna e sai logo depois.

TILTIL

O Pássaro Azul não está lá. Que ar doentio têm as suas Doenças! Nem sequer levantaram a cabeça. (Uma Doencinha, de chinelos, "robe de chambre" e touca de algodão, foge da caverna e começa a pular no salão.) Olhe, aquela pequena fugiu! Qual é?

NOITE

Nada, é a menorzinha, a Coriza, uma das menos perseguidas. Vai passando melhor. (Chama a Coriza.) Venha cá, pequena. Ainda é cedo, você tem de esperar a primavera.

Bocejando, tossindo, assoando-se, Coriza volta para a caverna e Tilttil fecha a porta.

TILTIL (ruma para a porta vizinha)

Agora, vamos ver esta. Que será?

NOITE

Cuidado. São as Guerras, mais terríveis e poderosas do que nunca. Só Deus sabe o que aconteceria se uma delas fugisse. Felizmente, estão muito obesas, perderam a agilidade... Mas vamos todos ficar preparados para empurrar a porta, enquanto você dá uma olhadela rápida na caverna.

Com mil precauções, Tilttil entreabre a porta, de maneira que haja só uma pequenina fenda, por onde êle possa enxergar. Logo se retira, gritando:

TILTIL

Depressa! Empurrem depressa! Elas me viram! Estão vindo tôdas! Estão abrindo a porta!

NOITE

Vamos, todos! Empurrem com força! Que é isso, Pão, que está fazendo? Empurrem todos! Elas têm uma força! Ah, aí está! Pronto, recuaram. Já era tempo. Você viu?

TILTIL

Vi, sim. São enormes, medonhas! Acho que o Pássaro Azul não está lá.

NOITE

Claro que não. Ele seria comido na mesma hora. Então, ficou satisfeito? Viu que não há nada a fazer?

TILTIL

Preciso ver tudo. A Luz me disse.

NOITE

A Luz disse? Dizer é fácil, quando a gente é medrosa e fica em casa.

TILTIL

Vamos à seguinte. Qual é?

NOITE

Aqui, eu prendo as Trevas e os Terrôres.

TILTIL

Posso abrir?

NOITE

Perfeitamente. Estão bastante sossegados, como as Doenças.

TILTIL (*entreabre a porta, meio desconfiado, e arrisca um olhar na caverna*).

Não estão lá...

NOITE (*olha, por sua vez, na caverna*).

Como é, Trevas, que estão fazendo aí? Ora, saiam um instantinho, é bom, anima a gente. Os Terrôres também. Não há motivo para receio. (*Algumas Trevas e alguns Terrôres, sob a aparência de mulheres recobertas, umas de véus negros, outras de véus esverdeados, arriscam penosamente alguns passos para fora da caverna e, a um gesto esboçado por Tilttil, voltam a toda pressa.*) Vamos, coragem. É um garoto, não vai lhes fazer mal... (*A Tilttil.*) Ficaram extremamente tímidas, menos as grandes, aquelas que você vê lá no fundo.

TILTIL (*olha para o fundo da caverna*)

Ih, são medonhas!

NOITE

Estão acorrentadas. São as únicas que não têm medo do Homem. Feche a porta, para evitar que se zanguem.

TILTIL (*na direção da porta seguinte*)

Olhe, esta é mais escura. Qual é?

NOITE

Por trás dela existem muitos Mistérios. Se faz mesmo questão, pode abri-la também, mas não entre. Todo cuidado é pouco. Enquanto isso, nós nos preparamos para empurrar a porta, como fizemos com as Guerras.

TILTIL (*entreabre com infinita cautela, e insinua a cabeça, medrosamente, no vão*).

Ih, que frio! Meus olhos estão ardendo... Fechem depressa! Empurrem! Estão empurrando de lá! (*A Noite, o Cão, a Gata e o Açúcar empurram a porta.*) Ah, eu vi!

NOITE

Viu o quê?

TILTIL (*transtornado*)

Não sei, era pavoroso! Estavam todos sentados, pareciam monstros sem olhos. Qual era o gigante que quis me pegar?

NOITE

Provavelmente foi o Silêncio. É quem toma conta desta porta. Deve ter sido horroroso, não? Você ainda está branco feito papel, tremendo todo...

TILTIL

Eu nem acreditaria... Nunca vi coisa igual! Estou com as mãos geladas...

NOITE

Pois daqui a pouco, será muito pior ainda, se você continuar.

TILTIL (*vai para a porta seguinte*)

E esta aqui? Também é terrível?

NOITE

Não. Tem um pouco de tudo. Guardo aí as Estrélas desocupadas, meus perfumes pessoais, alguns clarões que me pertencem, como fogos-fátuos, vagalumes, pirilampos. Também estão encerrados aí o Orvalho, o Canto dos Rouxinóis, etc.

TILTIL

Justamente: Estrélas, Canto dos Rouxinóis... Deve ser nessa.

NOITE

Pois então abra, se quiser. Nada disso é lá muito ruim...

Tiltil escancara a porta. Logo as Estrélas, sob a forma de lindas môças, envôltas em clarões versicolores, fogem da prisão, espalham-se na sala e formam, nos degraus e em redor

das colunas, graciosas rondas, envôltas numa sorte de penumbra luminosa. Juntam-se a elas os Perfumes Noturnos, quase invisíveis, os Fogos-Fátuos, os Pirilampos e o Orvalho Transparente; por sua vez, o Canto dos Rouxinóis, ao sair em ondas da caverna, inunda o Palácio da Noite.

MITIL (*fascinada, batendo palmas*)

Ah, que môças lindas!

TILTIL

Como dançam bem!

MITIL

Que cheirinho gostoso!

TILTIL

Que delícia de cantol

MITIL

E aquêles ali, que a gente quase não vê?

NOITE

São os perfumes da minha sombra.

TILTIL

E lá adiante, aquêles, de fios de vidro?

NOITE

São o Orvalho das Florestas e o das Planícies. Chega. Não acabaria mais. É difícil como o diabo obrigá-los a voltar, depois que entraram na dança. (*Bate palmas.*) Vamos, depressa, Estrélas! Não é hora de dançar. O céu está coberto, há nuvens pesadas. Rápido, vamos, entrem todos, senão, vou procurar um raio de sol!

Fuga assustada de Estrélas, Perfumes, etc., precipitando-se na caverna, que volta a fechar-se sobre eles. Ao mesmo tempo, emudece o Canto dos Rouxinóis.

TILTIL (*indo para a porta do fundo*)

Aqui está o portão do meio.

NOITE (*gravemente*)

Não abra.

TILTIL

Por quê?

NOITE

É proibido.

TILTIL

Então é aí que se esconde o Pássaro Azul. A Luz me disse...

NOITE (*maternal*)

Escute, meu filho. Fui boa e complacente. Fiz por você o que não fizera antes por ninguém. Confiei-lhe todos os meus segredos. Gosto muito de você, enternoço-me com sua meninice e sua inocência, e estou lhe falando como se fôsse sua mãe. Escute e acredite em mim, meu filho: desista. Não vá mais adiante, não provoque o Destino, não abra esta porta...

TILTIL (*meio abalado*),

Mas por quê?

NOITE

Porque não quero que você se perca. Nenhum daqueles; está ouvindo? nenhum daqueles que entreabriram esta porta, mesmo na largura de um fio de cabelo, regressou vivo à luz do dia. Porque tudo aquilo que se pode imaginar de medonho, porque todos os terrôres, todos os horrores de que se fala na terra, não significam nada, comparados com o susto mais insignificante que invade o Homem quando o seu olhar aflora

as primeiras ameaças do abismo a que ninguém ainda ousou dar nome. A tal ponto que, se apesar de tudo você teimar em pôr o dedo nesta porta, eu mesma, eu mesma lhe pedirei que espere um pouco, até que eu me esconda na minha tôrre sem janelas. Agora você é quem sabe; é sua hora de refletir.

Mitil, *debulhada em lágrimas, solta gritos inarticulados de terror, procurando afastar Tilttil.*

PÃO (*bate os dentes*)

Não faça isso, meu senhorzinho! (*Ajocilha-se.*) Não vê que a Noite tem razão.

GATA

É a vida de todos nós que você vai sacrificar.

TILTIL

Tenho de abrir.

MITIL (*sapateando, entre soluços*)

Não querol! Não querol!

TILTIL

O Açúcar e o Pão dêem a mão a Mitil e saiam com ela. Eu vou abrir.

NOITE

Salve-se quem puder! Venham depressa! Está na hora! Foge.

PÃO (*foge às carreiras*),

Esperem ao menos que nós cheguemos à ponta do salão!

GATA (*foge do mesmo jeito*)

Esperem! Esperem!

Escondem-se por trás das colunas, no outro extremo do salão. Tilttil fica sozinho com o Cão, junto à porta monumental.

CÃO (arquejante, entre soluços de pavor contido)

Eu vou ficar... Eu fico... Não tenho medo... Eu fico... Fico perto do meu deusinho... Fico! Fico...

TILTIL (acaricia o Cão)

Muito bem, Tilô, muito bem. Me dê um beijo. Nós somos dois. Agora, cuidado! *(Põe a chave na fechadura. Um grito de horror parte do outro extremo da sala, onde se refugiaram os medrosos. Mal a chave tocou na porta, os altos batentes se abrem pelo meio, deslizam lateralmente e desaparecem, à direita e à esquerda, na espessura das paredes, desvendando de surpresa — irreal, infinito, inesfável — o mais inesperado jardim de sonho e de luz noturna, onde entre estrélas e planetas, clareando tudo aquilo em que tocam, voando continuamente de pedraria em pedraria, de raio de lua em raio de lua, feéricos pássaros azuis circulam constante e harmoniosamente até os confins do horizonte, tão numerosos que se diria serem o hálito, a atmosfera azulínea, a própria substância do jardim maravilhoso. — Tilttil, fascinado, tonto, erguido na luz do jardim:) Ah! O céu!... (Voltando-se para os que fugiram.) Venham depressa! Estão aqui! São eles, são eles! Finalmente, vamos pegá-los! Milhares de pássaros azuis! Milhões! Bilhões! Demais! Venha, Mitil! Venha, Tilô! Venham todos, me ajudem! (Atira-se aos pássaros.) Pode-se pegar aos montes! Não são selvagens, não têm medo de nós! Por aqui, por aqui! (Mitil e os outros acorrem. Entram no jardim deslumbrante, menos a Noite e a Gata.) Estão vendo? São muitos e pousam nas minhas mãos! Olhem só, estão comendo raios de luar! Mitil, onde está você? Há tantas asas azuis, tantas plumas caindo, que a gente não vê absolutamente nada! Tilô, não vá morder, não faça mal a eles! Pegue com toda a delicadeza!*

MITIL (cercada de pássaros azuis)

Já peguei sete! Ah, como batem asas! Não posso segurar!

TILTIL

Eu também não posso, peguei demais! Estão fugindo! Estão voltando! Tilô também pegou uma porção! Vão nos arrastar, nos levar para o céu! Ande, vamos sair por aqui! A Luz está nos esperando, e vai ficar satisfeitíssima! Por aqui, por aqui!

Fogem do jardim, com as mãos cheias de pássaros que se debatem, atravessando o salão em meio ao louco palpitar de asas azulíneas, sobretudo à direita, por onde haviam entrado. Seguem-se o Pão e o Açúcar, que não apanharam pássaros. — Ficando só, a Noite e a Gata caminham para o fundo e miram ansiosamente o jardim.

NOITE

Pegaram?

GATA

Não. Está ali naquele raio de lua. Não puderam alcançar, era muito alto.

Cai o pano. Logo depois, à frente do pano descido, entram simultaneamente, à esquerda a Luz, à direita Tilttil, Mitil e o Cão, todos carregados de pássaros que acabam de capturar. Estes, porém, já inertes, de cabeça pendente e de asas partidas, são apenas despojos inanimados em suas mãos.

LUZ

Então, conseguiram pegar?

TILTIL

Pegamos, sim. Quantos a gente quis. Milhares! Estão aqui. Viu? *(Olha os pássaros, e, ao apresentá-los à Luz, percebe que morreram.)* Que é isso, não vivem mais? Que foi que lhes fizeram? Os seus também, Mitil? Os de Tilô também? *(Atira fora, com raiva, os pássaros mortos.)* Ah, não, é tão feio! Quem foi que matou? Me sinto tão infeliz!...

Soluçã, escondendo a cabeça sob o braço.

LUIZ (*aperta-o nos braços, maternalmente*)

Não chore, meu filho... Você não apanhou aquêlé que pode viver em pleno dia. Êle foi para outro lugar. Havemos de encontrá-lo.

CÃO (*olha os pássaros mortos*)

Será que se pode comer?

Ficam todos à esquerda.

QUINTO QUADRO

NA FLORESTA

Floresta. — Noite. — Luar. — Velhas árvores de variadas espécies, notadamente Carvalho, Faia, Olmo, Álamo, Abeto, Cipreste, Castanheiro, Tília, etc.

Entra a Gata.

GATA (*cumprimenta as árvores, em redor*)

Salve, vocês tôdas, árvores!

MURMÚRIO DA FOLHAGEM

Salve!

GATA

Este é um grande dia. Nosso inimigo vem libertar as energias de vocês, e entregar-se êle próprio. Foi Tilttil, o filho do lenhador, que lhes fez tanto mal. Procura o Pássaro Azul, que vocês escondem do Homem desde o começo do mundo, e que é o único a saber do nosso segredo. (*Murmúrio entre as folhas.*) Que foi que disseram? Ah, é o Choupo que falou. Pois é, êle traz um Diamante que tem o poder de libertar por um momento os nossos espíritos; pode obrigar a gente a entregar o Pássaro Azul, e daí por diante estaremos definitivamente à mercê do Homem. (*Murmúrio entre as folhas.*) Quem fala? Ah, é o Carvalho. Como vai passando? (*Murmúrio entre as folhas do Carvalho.*) Sempre resfriado? O Alcaçuz não o trata mais? Ainda é reumatismo? Pode acreditar, é por causa do musgo; o senhor abusa d'êle nos pés. O Pássaro Azul continua em sua casa? (*Murmúrio das folhas do Carvalho.*) Que diz? Sim, não há hesitação possível, devemos aproveitar a ocasião. É preciso que êle desapareça. (*Murmúrio das folhas.*) Isso lhe agrada? Sim, vem com a irmãzinha. Ela também deve morrer. (*Murmúrio nas folhas.*) É, o Cão os acompanha; não houve meio de afastá-lo. (*Murmúrio nas folhas.*) Que diz? Suborná-lo? Impossível. Já experimentei tudo. (*Murmúrio entre as folhas.*) Ah, é você, Abeto? Pois é, prepare quatro tábuas.

Sim, tem ainda o Fogo, o Açúcar, o Pão. Todos do nosso lado, menos o Pão, que é bastante duvidoso. Só a Luz é favorável ao Homem; ela, porém, não virá. Convenci os pequenos de que deviam sair às escondidas, enquanto ela dormisse. A ocasião é única. (*Murmúrio nas folhas.*) Que ouço! A voz da Faia! Sim, tem razão, é necessário prevenir os Animais. O Coelho está com o tambor? Mora com você? Bem, êle que dê o toque de chamada, imediatamente. Estão chegando!

Distanciam-se os ruídos do tambor do Coelho. — Entram Tilttil, Mitil e o Cão.

TILTIL

Ê aqui?

GATA (*obsequiosa, melíflua, solícita, pulando à frente das crianças*)

Ah, chegou, meu senhorzinho! Como tem boa aparência, como está bonito, esta noite! Vim antes para anunciar sua chegada. Tudo vai bem. Desta vez pegaremos o Pássaro Azul, tenho certeza. Acabei de mandar o Coelho dar o toque de reunir, para convocar os Animais importantes da região. Sente-se o rumor d'êles na folhagem. Escute. Estão um pouco tímidos, sem coragem de aproximar-se. (*Ruídos de animais diversos: vacas, porcos, cavalos, burros, etc. — Baixo, a Tilttil, chamando-o à parte.*) Por que trouxe o Cão? Eu lhe disse que êle está em péssimas relações com todo o mundo, até com as árvores. Receio que essa companhia odiosa venha estragar tudo.

TILTIL

Não pude me livrar d'êle. (*Ao Cão, ameaçando-o.*) Quer ir embora, seu estúpido?

CÃO

Quem, eu? Por quê? Que foi que eu fiz?

TILTIL

Estou lhe dizendo que vá-se embora. Não precisamos de você, só isso. Você nos amola, entendeu?

CÃO

Não direi nada. Acompanharei de longe, ninguém me verá. Quer que mostre minhas habilidades?

GATA (baixo, a Tilttil)

Como tolera uma desobediência dessas? Dê-lhe umas bordoadas no focinho. É realmente insuportável!

TILTIL (bate no Cão)

Para ensinar você a obedecer depressa!

CÃO (latindo)

Ui! Ui! Ui!

TILTIL

Que está dizendo?

CÃO

Tenho de beijar você, porque me bateu!
Beija e acaricia violentamente Tilttil.

TILTIL

Vamos, está bem. Basta. Vá-se embora.

MITIL

Não, não. Quero que ele fique. Tenho medo de tudo, quando ele não está perto.

CÃO (aos pulos, quase derrubando Mitil, a quem enche de carícias bruscas e entusiásticas),

Ah, que menina boa! É bonita! Como é boa! Como é bonita, como é delicada! Tenho de beijá-la! Mais! Mais! Mais!

GATA

Idiotal Bem, veremos. Não há tempo a perder. Vire o Diamante.

TILTIL

Onde é que devo me colocar?

GATA

Neste raio de luar. Assim verá mais claro. Ai! Vire de leve.

Tilttil vira o Diamante; imediatamente, longo frêmito agita ramos e folhas. Os troncos mais velhos e mais imponentes se entreabrem para dar passagem à alma que cada um deles encerra. O aspecto dessas almas varia conforme o aspecto e o caráter da árvore que representam. A do Olmo, por exemplo, é uma espécie de gnomo asmático, barrigudo, ríspido; a da Tília é plácida, familiar, prazenteira; a da Faia, elegante e ágil; a da Bétula, branca, reservada, inquieta; a do Salgueiro, enfezada, descabelada, chorona; a do Abeto, comprida, esgalga, taciturna; a do Cipreste, trágica; a do Castanheiro, pretensiosa, um tanto "snob"; a do Álamo, vivaz, importuna, [alastrona. Um saem devagar do tronco, sonolentas, espreguiçando-se, como após um cativeiro ou sono secular; outras desprendem-se de um salto, alertas, diligentes, e tôdas vêm postar-se em tôrno das duas crianças, embora se mantendo tanto quanto possível próximas da árvore de que nasceram.

ÁLAMO (primeiro a acordar, grita ensurdecedoramente)

Homens! Homenzinhos! Podemos conversar com eles! Acabou o Silêncio! Acabou! De onde vieram? Quem é? Quem são? (A Tília, que avança tranqüila.) São seus conhecidos, tia Tília?

TÍLIA

Não me recordo de os ter visto.

ÁLAMO

Viu, sim, ora. Você conhece todos os Homens, está sempre passeando em redor das casas deles.

TÍLIA (*examina as crianças*)

Não, garanto que não conheço. São ainda muito novinhos. Só conheço bem os namorados que vêm me ver ao luar, e os bebedores de cerveja, que fazem tintim nos copos, debaixo de meus ramos.

CASTANHEIRO (*afetado, ajeitando o monóculo*)

Que é isso aí? Camponeses pobres?

ÁLAMO

Oh, "seu" Castanheiro, o senhor, depois que passou a freqüentar somente as avenidas das grandes cidades...

SALGUEIRO (*lamuriendo, andando de tamancos*)

Ai, meu Deus, ai, meu Deus! Vieram outra vez me cortar a cabeça e os braços para fazer lenha!

ÁLAMO

Silêncio! Vem saindo o Carvalho do seu palácio. Está abatido, esta noite. Não acham que envelheceu? Que idade terá ele? Diz o Abeto que quatro mil anos, mas tenho certeza que é exagêro. Atenção, ele vai nos dizer o que há.

O Carvalho aproxima-se devagar. É fabulosamente velho, coroadado de visgo, e veste longa túnica bordada de musgo e de liquen. Cego, sua barba branca flutua ao vento. Com uma das mãos apóia-se no cajado nodoso, e com a outra num Carvalhinho nôvo, que lhe serve de guia. O Pássaro Azul está pousado em seu ombro. À sua aproximação, movimento de respeito entre as árvores, que formam ala e se inclinam.

TILTIL

Está com o Pássaro Azul! Depressa, depressa! Por aqui! Dê-me o Pássaro.

ÁRVORES

Silêncio!

GATA (*a Títil*)

Tire o chapéu. É o Carvalho.

CARVALHO (*a Títil*)

Quem é você?

TILTIL

Títil, meu senhor. Quando é que posso levar o Pássaro Azul?

CARVALHO

Títil, filho do lenhador?

TILTIL

Ele mesmo.

CARVALHO

Seu pai nos tem feito muito mal. Só em minha família ele matou 600 filhos, 475 tios e tias, 1 200 primos e primas, 380 noras e 1 200 bisnetos!

TILTIL

Não sei, meu senhor... Ele não fez de propósito.

CARVALHO

Que vem fazer aqui? Por que fez nossas almas saírem de suas moradas?

TILTIL

Desculpe tê-lo incomodado. Foi a Gata que me falou que o senhor ia nos dizer onde está o Pássaro Azul.

CARVALHO

Sim, eu sei. Procura o Pássaro Azul, isto é, o grande segredo das coisas e da felicidade, para que os Homens tornem mais dura ainda a nossa escravidão.

TILTIL

De modo algum, meu senhor. É para a filhinha da Fada Beriluna, que está muito doente.

CARVALHO (*impondo-lhe silêncio*)

Basta! Não vejo os Animais. Onde estão? Isto lhes interessa tanto quanto a nós. As Árvores não devem assumir sôzinhas a responsabilidade das medidas graves que se impõem. No dia em que os homens souberem que fizemos o que vamos fazer, haverá represálias terríveis. Convém pois que o nosso acôrdo seja unânime, para que nosso silêncio também o seja.

ABETO (*olha por cima das outras árvores*)

Os animais estão chegando. Vêm seguindo o Coelho. Ali estão as almas do Cavalo, do Touro, do Boi, da Vaca, do Lobo, do Carneiro, do Porco, do Galo, da Cabra, do Burro, do Urso...

Entrada sucessiva dos Animais; à medida que o Abeto os enumera, avançam e vão sentar-se entre as Árvores, com exceção da alma da Cabra, que vagueia aqui e ali, e da alma do Porco, que suça raízes.

CARVALHO

Todos estão presentes?

COELHO

A galinha não quis abandonar os ovos. A Lebre estava dando umas voltas. O Veado está com os chifres machucados. A Rapôsa está doente — eis aqui o atestado médico. O Pato não compreendeu, e o Peru ficou furioso.

CARVALHO

Estas abstenções são extremamente lamentáveis. Apesar disso, temos número suficiente. Sabem de que se trata, irmãos. Este menino aqui, graças a um talismã furtado aos poderes da Terra, pode tomar o nosso Pássaro Azul e arrebatá-lo assim o segredo que guardamos desde a origem da Vida. Ora, conhecemos bastante o Homem para não ter nenhuma dúvida sobre a sorte que ele nos reserva quando estiver de posse desse segredo. Eis por que me parece que qualquer hesitação seria tão estúpida quanto criminosa. A hora é grave. O menino deve desaparecer antes que seja tarde demais.

TILTIL

Que é que ele está dizendo?

CÃO (*anda em volta do Carvalho e mostra-lhe as presas*)

Viu meus dentes, velho paralítico?

PAIA

Ele insultou o Carvalho!

CARVALHO

É o Cão? Expulsem-no. Não podemos tolerar um traidor entre nós.

GATA (*baixo, a Tilttil*)

Mande o Cão embora. Houve um mal-entendido. Deixe por minha conta, que eu arranjo as coisas. Mas afaste-o o mais depressa possível.

TILTIL (ao Cão)

Vá-se embora!

CÃO

Deixe eu rasgar os chinelos de musgo daquele velho gotoso! Vai ser engraçado!

TILTIL

Cale a boca! Suma! Suma de verdade, bicho ordinário!

CÃO

Bem, bem, eu vou... Voltarei quando você precisar de mim.

GATA (baixo, a Títil)

É melhor acorrentá-lo, senão ele vai fazer tolices. As Árvores se zangam, e isso acaba mal.

TILTIL

De que maneira? Perdi a corrente.

GATA

Aí vem justamente a Hera, cheia de cordões bem fortes...

CÃO (rosnando)

Eu volto, eu volto! Gotoso! Pigarrento! Bando de velhotes mirrados, montão de raízes velhas! É a Gata que está fazendo isso tudo, ela me pagará na mesma moeda! Deixe de cochichar assim, Judas! Tigre! Traidor! Au! Au! Au!

GATA

Viu? Ele insulta todo mundo...

TILTIL

É mesmo, está insuportável, e ninguém mais se entende Dona Hera, quer prendê-lo?

HERA (aproxima-se do Cão, bastante medrosa)

Ele morde?

CÃO (rosnando)

Pelo contrário, pelo contrário! Ele vai é beijar você! Espere um pouco, e verá. Venha, venha, seu bôlo de barbantes velhos!

TILTIL (ameaça-o com o cajado)

Tilô!

CÃO (rasteja aos pés de Títil, agitando a cauda)

Que devo fazer, meu deusinho?

TILTIL

Deitar-se como tapete. Obedecer à Hera. Deixe-se amarrar. Senão...

CÃO (rosna entredentes, enquanto a Hera o amarra)

Barbante! Corda de enforcado! Cabresto de bezerro! Correia de porco! Olhe, meu deusinho: está me torcendo as patas... me estranquila...

TILTIL

A culpa é sua, você quis. Cale a boca, fique quieto! Você é insuportável!

CÃO

Está bem, mas você se engana. Eles têm más intenções. Tome cuidado, meu deusinho! Está me tapando a boca! Não posso mais falar!

HERA (depois de amarrar o Cão como um pacote)

Para onde é que devo levá-lo? Está bem amordaçado. Não dá mais um pio.

CARVALHO

Prendam-no sólidamente aqui, atrás do meu tronco, na minha raiz grossa. Veremos depois o que convém fazer com

ele. (A Hera, ajudada pelo Alamo, leva o Cao para trás do tronco do Carvalho.) Pronto? Bem, agora que estamos livres dessa testemunha incômoda, dêsse renegado, deliberemos segundo a nossa justiça e a nossa verdade. Minha emoção - não posso ocultar - é dolorosa e profunda. É a primeira vez que temos ocasião de julgar o Homem e fazer-lhe sentir o nosso poderio. Depois do mal que ele nos fez, depois das injustiças monstruosas que nos infligiu, não creio que reste a menor dúvida sôbre a sentença que o espera.

TÔDAS AS ÁRVORES e TODOS OS ANIMAIS

Não! Não! Não! É claro! Fôrca! Morte! A injustiça foi demais! Ele abusou! Há muito tempo! Vamos esmagá-lo! Comê-lo! Já! Imediatamente!

TILTI. (à Gata)

Que é que eles têm? Não estão satisfeitos?

GATA

Não se preocupe. Ficaram um pouco aborrecidos porque a Primavera está demorando. Deixe por minha conta, eu arranjo tudo.

CARVALHO

Esta unanimidade era inevitável. Agora, para evitar represálias, temos de decidir que gênero de suplicio será mais prático, mais cômodo, mais rápido e mais seguro, e deixará menos sinais acusatórios quando os Homens encontrarem os corpinhos na floresta.

TILTI.

Que negócio é êsse? Aonde ele quer chegar? Começo a me aborrecer. Se ele tem o Pássaro Azul, por que não o entrega?

TOURO (avançando)

O mais prático e mais seguro é uma boa chifrada na bôca do estômago. Quer que eu fuere?



CARVALHO

Quem falou assim?

GATA

O Touro.

VACA

Seria melhor que ficasse calado. Eu é que não me meto nisso. Tenho que pastar a erva daquela campina que se vê lá longe, no azul do luar. Tenho muito que fazer.

BOI

Eu também. Aliás, aprovo tudo previamente.

PAIA

Eu cá ofereço o galho mais alto para enforcá-los.

HERA

E eu a corda.

ABETO

Eu, as quatro tábuas para o caixãozinho.

CIPRESTE

E eu o jazigo perpétuo.

SALGUEIRO

Seria mais simples afogá-los num de meus rufachos. Eu me encarrego disso.

TÍLIA (*conciliadora*)

Ora, ora... Será mesmo necessário chegar a êsses extremos? São tão novinhos! Basta a gente impedi-los de nos fazer mal, conservando-os presos num cercado que me encarrego de fazer. Eu me planto em volta.

CARVALHO

Quem está falando? Parece que ouvi a voz meliflua da Tília.

ABETO

Ela mesma.

CARVALHO

Então há um renegado entre nós, como entre os Animais? Até aqui, só tínhamos a deplorar a dessecção das Árvores Frutíferas, mas essas não são árvores verdadeiras...

PORCO (*revirando olhinhos glutões*)

Eu por mim acho que a primeira providência é comer a menina. Deve ser tão macia...

TILTIL

Que é que ele está dizendo? Espere um pouco, pedaço de...

GATA

Não sei o que há com eles. A coisa está tomando mau aspecto.

CARVALHO

Silêncio! Trata-se de saber qual de nós terá a honra de dar o primeiro golpe; quem é que afastará de nossas almas o maior perigo que já corremos desde o nascimento do Homem.

ABETO

Essa honra compete ao senhor, nosso rei e nosso patriarca.

CARVALHO

É o Abeto quem fala? Coitado de mim, estou velho demais. Estou cego, fraco, meus braços entorpecidos não me obedecem mais. Não, é a você, meu irmão, sempre verde, sempre reto, é a você, que viu nascer a maior parte destas

Árvores, que cabe, na minha falta, a glória do nobre gesto de nossa libertação.

ABETO

Obrigado, pai venerável! Mas como eu vou ter a honra de formar o caixão para as duas vítimas, receio despertar o justo ciúme de meus colegas. Creio que, depois de nós, a Árvore mais antiga e mais digna, aquela que possui a maior clava, é a Faia.

FAIA

Você sabe que eu estou carunchada, e que minha clava não é segura. O Olmo e o Cipreste, porém, dispõem de armas poderosas.

OLMO

Eu ficaria muito satisfeito, porém mal posso andar. Esta noite, uma toupeira me torceu o dedão do pé...

CIPRESTE

Eu cá estou pronto. Mas acontece que, como o querido irmão Abeto, vou ter, senão o privilégio de dar o ataúde, pelo menos a vantagem de chorar sobre o túmulo deles. Seria uma acumulação ilícita. Peçam ao Choupo.

CHOUPO

A mim? Que estão pensando? Minha madeira é mais tenra do que carne de menino. Além disso, não sei o que há comigo: estou tremendo de febre... Reparem nas minhas folhas. Devo ter me resfriado esta manhã, quando o sol nasceu.

CARVALHO (*explodindo de indignação*)

Estão com medo do Homem! Até esses menininhos solitários e desarmados inspiram a vocês o terror misterioso que fez de nós eternos escravos! Pois bem, chega! Se é assim, se a hora é decisiva, eu sozinho, velho, paralítico, trêmulo, cego, lutarei contra o inimigo hereditário! Onde está ele?

Tateando com o cajado, avança para Títil.

TILTI. (*tira a faca do bolso*)

É a mim que êsse velho quer pegar, com o seu cajadão?

As outras Árvores, soltando um grito de terror à vista da faca, arma misteriosa e irresistível do Homem, se interpõem e retêm o Carvalho.

ÁRVORES

Cuidado, olhe a faca! Olhe a faca!

CARVALHO (*debatendo-se*)

Me larguem! Faca ou machado, que me importa? Quem está me segurando? Que é isso: estão todos aqui? Todos estão querendo...? (*Atira fora o cajado.*) Está bem, seja! Que vergonha para nós! Os Animais é que irão nos libertar!

TOURO

Isso! Fica por minha conta! Com uma chifrada só!

BOI E VACA (*retendo-o pelo rabo*)

Que é que você tem com isto? Não faça besteira! É um negócio perigoso, e vai acabar mal. Nós é que iremos sofrer. Deixe disso, é coisa para Animais Selvagens.

TOURO

Não, não, o caso é meu! Esperem aí. Ou então me segurem, senão eu faço uma desgraça!

TILTI. (*a Mitil, que solta gritos agudos*)

Não tenha medo! Fique atrás de mim. Estou com a faca.

GALO

Valente, êsse garoto!

TILTI.

Então ficou resolvido, é contra mim que êles estão?

BURRO

Claro, meu pequeno. Custou a perceber!

PORCO

Podem fazer suas orações, sim? É o seu último instante. Mas não esconda a menina. Quero regalar meus olhos nela. Vou comê-la em primeiro lugar.

TILTI.

Que foi que eu fiz a vocês?

CARNEIRO

Nada, querido. Comeu meu irmãozinho mais novo, minhas duas irmãs, meus três tios, minha tia, minha vovó... Espere um pouco aí, e quando estiver no chão verá que eu também tenho dentes.

BURRO

E eu tenho cascos.

CAVALO (*empina-se orgulhosamente*)

Vocês vão ver uma coisa. Preferem que eu corte o garoto a dentadas, ou que acabe com êle a coices? (*Avança magnificamente para Tilti, que o enfrenta levantando a faca. De repente, tomado de pânico, o Cavalo vira as costas e foge em disparada.*) Ah, não! Não é justo! Isso não é do jogo! Êle se defendeu!

GALO (*não podendo ocultar a admiração*)

Ê mesmo, êsse pequeno não morre de careta!

PORCO (*ao Urso e ao Lobo*)

Vamos avançar todos juntos. Eu garanto vocês pela retaguarda. Vamos derrubá-los e dividir a garota quando estiver no chão.

LÔBO

Procurem distraí-los aí, enquanto eu dou a volta.

Contorna Tilti, ataca-o pelas costas e quase o derruba.

TILTIL

Judas! (*Ergue-se sobre um joelho, brandindo a faca e protegendo como pode a irmãzinha, que grita apavorada. — Vendo-o meio prostrado, todos os Animais e Árvores se aproximam e procuram atacá-lo. Súbito escurece. Desesperado, Tilttil pede socorro.*) Socorro, socorro! Tilô! Tilô! Onde está a Gata? Tilô! Tilet! Tilet! Venham! Venham!

GATA (*hipôcritamente, à distância*)

Não posso... Machuquei a pata neste instante.

TILTIL (*apara os golpes e defende-se como pode*)

Socorro! Tilô! Tilô! Não agüento mais! São muitos: o Urso, o Porco, o Burro, o Lobo, o Abeto, a Faia!... Tilô! Tilô! Tilô!

Arrastando seus laços arrebitados, o Cão, salta de trás do tronco do Carvalho e, empurrando Árvores e Animais, lança-se diante de Tilttil, a defendê-lo furiosamente.

CÃO (*enquanto distribui violentas dentadas*)

Pronto, meu deusinho, pronto! Não tenha medo! Para a frente! Sei dar boas mordidas! Tome, esta é para você, Urso, nesse traseiro gordo! Vamos ver, quem quer mais? Esta é para o Porco, esta para o Cavalo, e esta para o rabo do Touro! Ai está! Já rasguei o saiote da Faia e as calças do Carvalho! O Abeto escafedeu-se! Não faz mal, a coisa pegou fogo!

TILTIL (*sucumbido*)

Não posso mais! O Cipreste me deu um bruto sôco na cabeça...

CÃO

Ai! Foi um sôco do salgueiro! Me quebrou a pata!

TILTIL

Voltam à carga, todos juntos! Desta vez é o Lóbol!

CÃO

Espere aí, que eu dou um jeito nêle!

LÓBO

Imbecil! Nosso irmão! Seus filhinhos morreram afogados pelos pais dêle!

CÃO

Bem feito! Tanto melhor! Eles se pareciam com você!

TÓDAS AS ÁRVORES e TODOS OS ANIMAIS

Renegado! Idiota! Traidor! Desleal! Palerma! Judas! É a morte! Deixe o Homem, venha para o nosso lado!

CÃO (*ébrio de ardor e devotamento*)

Não, não! Um contra todos? Não e não! Sou fiel aos deuses! Aos melhores! Aos maiores! (*A Tilttil.*) Cuidado, que aí vem o Urso! Cautela com o Touro! Vou pular à garganta dêle! Ai! Um coice... O Burro me quebrou dois dentes...

TILTIL

Não posso mais, Tilô! Ai!... Um sôco do Olmo... Olhe, minha mão está sangrando... Foi o Lobo ou o Porco...

CÃO

Espere, meu deusinho... Deixe eu lhe dar um beijo. Uma boa lambidinha, aqui... Vai lhe fazer bem. Fique aí atrás de mim. Eles não têm coragem de voltar. Uê, estão voltando! Ah, este golpe é sério! Vamos ficar firmes!

TILTIL (*deixa-se cair no chão*)

Não, não agüento mais...

CÃO

Vão chegar! Estou escutando, farejando...

TILTIL.

Onde? Quem?

CÃO

Ali, ali! A Luz nos encontrou! Estamos salvos! Meu reizinho, me beije! Salvos! Olhe: eles desconfiaram, vão fugindo... Estão com mêdol

TILTIL.

Luz, Luz! Venha aqui depressa! Eles se revoltaram, estão todos contra nós!

Entra a Luz; à medida que avança, a Aurora se ergue sobre a floresta, iluminando-a.

LUZ

Que houve? Que é isso? Ah, coitado, então não sabia? Vire o Diamante: todos voltarão ao Silêncio e à Esecuridão, e você não verá mais os sentimentos deles.

Tilttil vira o Diamante. — Tôdas as almas de Árvores correm logo para seus troncos, que voltam a fechar-se. — As almas de Animais também desaparecem; ao longe, pastam uma Vaca e um Carneiro tranqüilos, etc. — A Floresta recupera a inocência. Espantado, Tilttil olha em tórno.

TILTIL.

Onde estão? Que é que eles tinham? Enlouqueceram?

LUZ

Não. São sempre assim, mas a gente não sabe porque não vê. Bem que eu lhe disse: é perigoso despertá-los quando não estou perto.

TILTIL (*limpa a faca*).

É, mas se não fôsse o Cão, e se eu não tivesse esta faca... Nunca podia imaginar que fôssem tão maus!

LUZ

Bem vê que o Homem está só contra todos, neste mundo.

CÃO

Não está se sentindo mal, meu deusinho?

TILTIL.

Nada de grave. Em Mitil eles não tocaram. E você, querido Tilo? Sua boca está sangrando... Quebrou a pata?

CÃO

Não vale a pena falar nisso. Amanhã nem se nota mais. Mas a coisa foi dura!

GATA (*sai da moita, mancando*)

Se foi. O Boi me deu uma chifrada na barriga. Não se vê sinal, mas doeu muito. E o Carvalho me quebrou a pata.

CÃO

Gostaria de saber: qual?

MITIL (*acaricia a Gata*)

Coitadinha de Tilette... É verdade? Então onde você estava, que eu não vi?

GATA (*com hipocrisia*)

Mãezinha, fui ferida logo, quando ataquei aquêle Porco ordinário, que queria comer você. Ai o Carvalho me deu um sôco forte que me tonteou, e...

CÃO (à Gata, entre dentes)

Sabe? tenho uma palavrinha para lhe dizer. Não perde por esperar!

GATA (queixosa, a Mitil)

Mãezinha, ele está me insultando! Quer me bater...

MITIL (ao Cão)

Quer deixá-la tranqüila, bicho ordinário?

Sacm tolos.

PANO

QUARTO ATO

SEXO QUADRO

A FRENTE DO PANO

*Entram Tiltit, Mitil, a Luz, o Cão,
a Gata, o Pão, o Fogo, o Açúcar, a
Água e o Leite.*

L.U.Z.

Recebi um recado da Fada Beriluna, dizendo que o Pássaro Azul provavelmente está por aqui.

TILTIL.

Onde?

L.U.Z.

Aí, no cemitério, atrás deste muro. Parece que um dos mortos o escondeu na sepultura. Resta saber qual deles. Temos de revistar todos.

TILTIL.

Revistar? Como é que vamos fazer?

L.U.Z.

É simples. À meia-noite, para não importuná-los muito, você vira o Diamante. Veremos quando saírem da terra. E os que não saírem, a gente vê no fundo das covas.

TILTIL.

Não vão ficar zangados?

L.U.Z.

Absolutamente. Nem vão desconfiar. Não gostam de ser incomodados, mas afinal de contas, como têm costume de sair à meia-noite, ninguém se incomodará.

TILTIL

Por que o Pão, o Açúcar e o Leite estão pálidos? Por que calaram a boca?

LEITE (*cambaleante*)

Acho que vou desmaiar...

LUZ (*baixo, a Tilttil*)

Não ligue. Estão com medo dos outros.

FOGO (*aos pulos*)

Eu cá não tenho medo! Estou acostumado a queimar. Antigamente, queimava todos eles. Era bem mais divertido do que agora.

TILTIL

Por que Tilô está tremendo? Também está com medo?

CÃO (*estalando os dentes*)

Eu? Eu não tremo. Não tenho medo. Mas se você for embora, eu também vou...

TILTIL

E a Gata, não diz nada?

GATA (*misteriosa*)

Sei o que é isso...

TILTIL (*à Luz*)

Você vem conosco?

LUZ

Não. Prefiro ficar à porta do cemitério, com as Coisas e os Animais. Não chegou a hora. A Luz ainda não pode penetrar na casa dos Mortos. Vou deixar você sozinho com Mitil.

TILTIL

E Tilô: pode ficar com a gente?

CÃO

Posso, posso: eu fico aqui, eu fico. Quero ficar perto do meu deusinho.

LUZ

Impossível. As ordens da Fada são terminantes. Aliás, não há razão para ter medo.

CÃO

Bem, bem, tanto pior. Se eles forem maus, basta fazer isto, meu deusinho (*Assobia*), e verá. Vai ser como na floresta. Au! Au! Au!

LUZ

Vamos, adeus, queridos. Não vou ficar longe. (*Beija as crianças.*) Aquêles que eu amo e que também me amam, êsses me encontrarão sempre. (*Às Coisas e aos Animais.*) Vocês, por aqui.

Sai com as Coisas e os Animais. Os meninos ficam sôzinhos no meio do palco. Abre-se a cortina para o sétimo quadro.

SÉTIMO QUADRO

NO CEMITÉRIO

Noite. Luar. Cemitério campestre. Numerosos túmulos, montinhos de relva, cruces de madeira, lápides funerárias, etc.

Tiltil e Mitil, de pé, junto a uma coluna funerária.

MITIL

Estou com medo!

TILTIL (*Bastante intranquilo*)

Eu, não. Nunca tive medo.

MITIL

Me diga uma coisa, os mortos são maus?

TILTIL

Não. Pois se eles não vivem!

MITIL

Você já viu algum?

TILTIL

Vi uma vez, há muito tempo, quando eu era pequenino.

MITIL

Como é? Conte.

TILTIL

Completamente branco, muito sossegado, muito frio, não fala...

MITIL

A gente vai ver alguns?

TILTIL

Claro. A Luz prometeu.

MITIL.
Onde é que os mortos estão?
TILTIL
Aqui, debaixo da relva ou debaixo dessas pedras grandes.
MITIL
Estão aqui o ano inteiro?
TILTIL
Estão.
MITIL (*mostra as lápides*)
São as portas das casas dêles?
TILTIL
São.
MITIL
Saem quando o dia está bonito?
TILTIL
Só podem sair de noite.
MITIL
Por quê?
TILTIL
Porque estão de camisola.
MITIL
Saem também quando chove?
TILTIL
Quando chove, ficam em casa.
MITIL
É bonita a casa dêles?

TILTIL.
Dizem que é muito apertada.
MITIL
Têm filhinhos?
TILTIL
Claro. Têm todos os que morreram.
MITIL
E de que é que vivem?
TILTIL
Comem raízes.
MITIL
A gente vai vê-los, mesmo?
TILTIL
Claro. A gente vê tudo, quando vira o Diamante.
MITIL
E que é que vão dizer?
TILTIL
Não vão dizer nada. Não falam.
MITIL
Por que não falam?
TILTIL
Porque não têm nada para dizer.
MITIL
Por que não têm nada para dizer?
TILTIL
Não amole!
Silêncio.

MITHIL

Quando você vai virar o Diamante?

TILTIL

Você sabe muito bem que a Luz mandou esperar até meia-noite, porque então a gente incomoda menos.

MITHIL

Por que incomoda menos?

TILTIL

Porque é a hora em que eles saem para tomar a fresca.

MITHIL

Já é meia-noite?

TILTIL

Está vendo o relógio da igreja?

MITHIL

Estou. Vejo até o ponteiro menor.

TILTIL

Pois bem. Vai dar meia-noite. Olhe: justinho. Escutou?

Soam as doze pancadas da meia-noite.

MITHIL

Quero ir embora!

TILTIL

Não é hora disso. Vou virar o Diamante.

MITHIL

Não, não! Não faça isso! Quero ir embora! Estou com tanto medo, meu irmãozinho! Um medo terrível!

TILTIL

Mas não tem perigo.

MITHIL

Não quero ver os mortos! Não quero!

TILTIL

Está bem, não verá. Feche os olhos.

MITHIL (*agarra-se à roupa de Títil*)

Não posso, Títil! É impossível! Eles vão sair da terra!

TILTIL

Não fique tremendo assim. Vão sair só um momento.

MITHIL

Até você está tremendo! Eles devem ser medonhos!

TILTIL

Está na hora. O tempo vai passando!

Títil vira o Diamante. Terrífico minuto de silêncio e imobilidade; depois, lentamente, as cruces oscilam, os montinhos se entreabrem, as lápides se levantam.

MITHIL (*aconchega-se ao peito de Títil*)

Estão saindo! Estão aí!

Então, de todas as covas escancaradas, sobe gradualmente uma floração a princípio mofofa e tímida como vapor de água, depois branca e virgínea, cada vez mais densa e mais alta, profusa e maravilhosa, a invadir irresistivelmente, pouco a pouco, todas as coisas, transformando o cemitério numa espécie de jardim nupcial e fecundo, sobre o qual não tardam a erguer-se os primeiros raios da aurora. Cintila o orvalho, flores desabrocham, o vento murmura nas folhas, abelhas zumbem, pássaros despertam e inundam o espaço com os primeiros êxtases de seus hinos ao sol e à vida. Estupefatos, deslumbrados,

*Tilttil e Mitil, de mãos dadas, ensaiam alguns passos entre as
flôres, procurando traços de sepultura.*

MITIL (*procura na grama*)

Os mortos onde estão?

TILTIL (*procura também*)

Não existem mortos...

PANO

OITAVO QUADRO

*À FRENTE DA CORTINA, QUE REPRESENTA
BELA PAISAGEM DE NUVENS.*

Entram: Tilttil, Mitil, a Luz, o Cão, a Gata, o Pão, o Fogo, o Açúcar, a Água e o Leite.

LUIZ

Acho que desta vez apanhamos o Pássaro Azul. Eu devia ter pensado nisso desde o começo. Só esta manhã, quando recobrei forças no alvorecer, é que a idéia me veio como um raio de sol. Estamos à porta do jardim encantado onde se acham reunidas, sob a guarda do Destino, tôdas as Alegrias e Felicidades do Homem.

TILTIL

São muitas? Vamos pegá-las? São pequeninas?

LUIZ

Há pequenas e grandes, gordas e delicadas. Umas bellissimas, outras menos agradáveis. As mais vulgares, porém, há tempos, foram expulsas do jardim e se refugiaram em casa das Infelicidades. Porque, fiquem sabendo, as Infelicidades moram num antro vizinho, ligado ao Jardim das Felicidades. O que separa os dois é só uma espécie de vapor, de cortina sutil, suspendida a cada instante pelo vento que sopra das alturas da Justiça ou do fundo da Eternidade. Agora, temos de nos organizar e tomar certas precauções. Em geral, as Felicidades são muito boas. Algumas, porém, são mais perigosas e pérfidas do que as grandes Infelicidades...

PÃO

Tenho uma idéia. Se são perigosas e pérfidas, não seria preferível que nós todos ficássemos esperando na porta, para ajudar as crianças, caso elas sejam obrigadas a fugir?

CÃO

Absolutamente! Absolutamente! Quero ir a tôda parte com os meus pequenos deuses. Quem estiver com medo fique

na porta. Não precisamos (*Olhando o Pão.*) de poltrões (*Olhando a Gata.*) nem de traidores.

FOGO

Eu vou. Parece que é divertido. Vive-se dançando por lá.

PÃO

E come-se, também?

ÁGUA (*gemendo*)

Nunca vi na minha vida a menor Felicidadezinha. Faça questão de ver!

LUIZ

Calem-se. Ninguém pediu a opinião de vocês. Resolvi o seguinte: o Cão, o Pão e o Açúcar acompanham as crianças. A Água não entra, porque é muito fria, nem o Fogo, que é muito briguento. Peço ao Leite, com empenho, que se conserve na porta, porque é muito impressionável. A Gata fará o que quiser.

CÃO

Ela está com medo.

GATA

De passagem, vou cumprimentar algumas Infelicidades minhas velhas amigas; que moram perto das Felicidades.

TILTIL

Você não vem, Luiz?

LUIZ

Não posso entrar assim em casa das Felicidades. A maioria não me suporta... Mas eu trouxe o véu espesso que uso para visitar pessoas felizes. (*Desdobra um longo véu e envolve-se nele, cuidadosamente.*) Não vá um raio de minha alma assustá-las; há muitas Felicidades medrosas, que não são felizes... Eis aí: desta maneira, as menos bonitas e até as mais gordas não precisam recear coisa alguma.

Abre-se a cortina para o nono quadro.

NONO QUADRO

NO JARDIM DAS FELICIDADES

Ao abrir-se a cortina, desvenda-se, no primeiro plano do jardim, uma espécie de sala formada por altas colunas de mármore, entre as quais, dissimulando todo o fundo, se estendem pesadas cortinas de púrpura, pendentes de cordões de ouro. A arquitetura lembra os momentos mais sensuais e suntuosos da Renascença veneziana ou flamenga (Veronese e Rubens). Guirlandas, cornucópias, torsos, vasos, estátuas, dourados enxameiam por toda parte. — Ao meio, maciça e feérica mesa de jaspe e prata dourada, repleta de tochas, cristais, baixelas de ouro e prata, e atulhada de manjares fabulosos. — Em redor da mesa, comem, bebem, urram, cantam, agitam-se, espojam-se ou adormecem entre pratos de caça, frutas fantásticas, ânforas e gomis derrubados, as maiores Felicidades da Terra. São enormes, incrivelmente obesas e rubicundas, cobertas de veludos e brocados, coroadas de ouro, pérolas e pedrarias. Belas escravas trazem continuamente pratos enfeitados e bebidas espumantes. — Música vulgar, hilariante e grosseira, em que dominam os metais. — Luz pesada, vermelha, banha a cena.

Tiltit, Mitil, o Cão, o Pão e o Açúcar, a principio bastante intimidados, comprimem-se à direita, no primeiro plano, em redor da Luz. Sem nada dizer, a Gata dirige-se para o fundo, também à direita, soergue uma cortina escura e desaparece.

TILTIL

Quem são essas senhoras gordas que se divertem e comem tantas coisas boas?

LUZ

São as maiores Felicidades da Terra, aquelas que a gente pode ver a olho nu. É possível, embora pouco provável, que o Pássaro Azul se tenha perdido por um instante no meio delas. Assim, não vire ainda o Diamante. Por formalidade, vamos primeiro explorar esta parte do salão.

TILTIL

Pode-se chegar perto?

LUZ

Certamente. Não são más, embora vulgares, e geralmente mal-educadas.

TILTIL

Que doces bonitos!

CÃO

E caça! Salsichas! Pernil de carneiro e fígado de vitela! (Declamatório.) Nada no mundo é melhor, mais bonito e mais precioso do que fígado de vitela!

PÃO

Exceto os Pães-de-meio-quilo, preparados com a fina flor do frumento. E há uns ali admiráveis! Que beleza! Que beleza! Maiores do que eu!

AÇÚCAR

Perdão, perdão, mil perdões. Com licença, sim? com licença. Eu não desejaria magoar ninguém, mas não se esqueçam de que as gulodices que são a glória desta mesa, e cujo brilho e magnificência ultrapassam, se ousou me exprimir assim, tudo que existe nesta sala e talvez mesmo em qualquer outra parte...

TILTIL

Parecem tão satisfeitas, tão felizes! Como gritam! E riem! E cantam! Acho que já nos viram.

De fato, umas doze Felicidades, das maiores, se levantaram da mesa e caminham penosamente, segurando os ventres, em direção ao grupo das crianças.

LUZ

Não tenha medo, são muito acolhedoras. Provavelmente vão convidá-lo para jantar. Não aceite. Não aceite nada, para não se esquecer de sua missão.

TILTIL

O quê? Nem um docinho? Êles têm um ar tão gostoso, tão fresco! E assim recobertos de açúcar, enfeitados com frutas secas, transbordantes de creme!

LUZ

São perigosos e afrouxariam sua vontade. É preciso sacrificar alguma coisa ao dever que cumprimos. Recuse delicadamente, mas com firmeza. Aqui estão.

FELICIDADE GORDA *(estende a mão a Tilttil)*

Bom dia, Tilttil.

TILTIL *(espantado)*

A senhora me conhece? Quem é a senhora?

FELICIDADE GORDA

Sou a mais gorda entre as Felicidades, a Felicidade-de-ser-rico. Em nome de minhas irmãs, peço a você e a sua família que venham honrar o nosso jantar infinito. Ficarão no meio do que há de melhor entre as verdadeiras e grandes Felicidades deste mundo. Permitam que lhes apresente as principais dentre nós. Aqui está minha nora, a Felicidade-da- vaidade-satisfeita, cujo rosto é tão graciosamente balofo. *(A Felicidade-da- vaidade-satisfeita cumprimenta com ar protetor.)* Aqui estão a Felicidade-de-beber-quando-não-se-tem-mais-sêde, e a Felicidade-de-comer-quando-não-se-tem-mais-fome, que tem pernas de macarrão. *(Cumprimentam, cambaleantes.)* Aqui, a Felicidade-de-ignorar-tudo, surda como uma porta, e a Felicidade-de-não-compreender-nada, cega como uma toupeira. Esta é a Felicidade-de-não-fazer-nada, e a outra, a Felicidade-de-dormir-mais-do-que-o-necessário; tem mãos de miolo de pão, e olhos de geléia de pêssego. Aqui, finalmente, a Risada Espessa, aberta até as orelhas, e à qual ninguém pode resistir...

Risada Espessa cumprimenta, retorcendo-se toda.

TILTIL *(aponta para uma Felicidade Gorda, que se mantém um pouco afastada)*

E aquela ali, que não tem coragem de se aproximar, e virou as costas?

FELICIDADE GORDA

Não insista, aquela está um pouco constrangida. Não pode ser apresentada a crianças... *(Segura as mãos de Tilttil.)* Venham. A festa vai recomeçar. É a décima segunda vez desde o amanhecer. Só estávamos à espera de vocês. Não escutam os berros dos convivas, a chamá-los? Não posso apresentar todos, são extremamente numerosos. *(Dá o braço às*

duas crianças.) Com licença, vou conduzi-los aos dois lugares de honra.

TILTIL

Muito obrigado, Dona Felicidade Gorda. Lamento deveras, mas agora não posso. Estamos com muita pressa, procuramos o Pássaro Azul. Não sabe, por acaso, onde ele está escondido?

FELICIDADE GORDA

Pássaro Azul? Espere um pouco. Sim, sim, recordo-me. Falaram-me sobre ele há tempos. Creio que é um pássaro não comestível. Em todo caso, ele nunca apareceu em nossa mesa. Quero dizer que é pouco apreciado. Mas não fique triste: temos tantas coisas melhores. Vocês vão participar de nossa vida, verão tudo que fazemos.

TILTIL

Fazem o quê?

FELICIDADE GORDA

Ora, estamos sempre ocupadas em não fazer nada. Não há um minuto de descanso. É preciso beber, é preciso comer, é preciso dormir. Absorve muito.

TILTIL

É divertido?

FELICIDADE GORDA

Claro. Se é necessário, e não há outra coisa neste mundo...

LUZ

A senhora acha?

FELICIDADE GORDA (apontando a Luz, baixo, a Tilttil)

Quem é essa dona mal-educada?

Durante a conversa, uma chusma de Felicidades Gordas de segunda categoria, cerca o Pão, o Açúcar e o Cão, arrastando-os para a orgia. De uma hora para outra, Tilttil os v. reunidos fraternalmente à mesa, comendo, bebendo e agitando-se com frenesi.

TILTIL

Venha aqui, Luz! Eles foram para a mesa!

LUZ

Chame-os, senão vai acabar mal!

TILTIL

Tilô! Tilô! Aqui! Venha imediatamente está ouvindo? E você, Açúcar e Pão, quem lhes deu licença para me deixar? Que fazem aí, sem autorização?

PÃO (de boca cheia)

Você não podia falar conosco mais delicadamente?

TILTIL

O quê? É o Pão que me trata com essa falta de cerimônia? Que foi que você viu? E você, Tilô, é assim que obedece? Vamos, venha cá e fique de joelhos, ouviu? de joelhos! Depressa!

CÃO (a meia voz, na extremidade da mesa)

Eu, quando como, não estou para ninguém, e não escuto coisa alguma...

AÇÚCAR (melifluo)

Desculpem. Nós não podíamos deixar assim hospedeiros tão amáveis... Ficariam melindrados.

FELICIDADE GORDA

Estão vendo? Eles dão o exemplo. Venham, estamos à espera de vocês. Não admitimos recusa. Vamos fazer uma doce

violência... Ei, Felicidades Gordas, me ajudem! Vamos levá-los à força para a mesa. Eles têm de ser felizes, mesmo contra a vontade!

As Felicidades Gordas, entre gritos de alegria, e aos pulos, arrastam as crianças, que se debatem, enquanto a Risada Espessa agarra violentamente a Luz pela cintura.

LUZ

Vire o Diamante, enquanto é tempo!

Títtil obedece à Luz, e logo o palco se banha de claridade inefávelmente pura, divinamente rósea, harmoniosa e ligeira. Os pesados ornamentos do primeiro plano e as espessas tapeçarias vermelhas se desprendem e desaparecem, desvendando fabuloso e suave jardim de paz ligeira e de serenidade, espécie de palácio de verdura, com perspectivas harmoniosas, onde a magnificência das solhagens, pujantes e luminosas, exuberantes e contudo disciplinadas, a embriaguez virginal das flôres e a fresca alegria das águas correntes, fluindo e esguichando de tôda parte, parecem levar até os confins do horizonte a própria idéia de felicidade. A mesa da orgia desfaz-se sem deixar sinal; os veludos, brocados e coroas das Felicidades Gordas, ao sopro luminoso que invade o palco, soerguem-se, rasgam-se e caem, com as máscaras hilariantes, aos pés dos convivas aturdidos. Estes se afinam a olhos vistos, como bexigas furadas, piscando ante raios desconhecidos que os ofuscam. Vendo-se enfim tais quais são em verdade, isto é, nus, horríveis, flácidos e lamentáveis, põem-se a soltar urros de vergonha e terror, distinguindo-se nitidamente os da Risada Espessa, que dominam todos os demais. Só a Felicidade-de-não-compreender-nada continua perfeitamente calma, enquanto suas colegas se agitam como loucas, procuram fugir e esconder-se nos cantos que lhes parecem mais sombrios. Contudo, não há mais sombra no jardim deslumbrante. Por isso, em desespero, a maioria resolve transpor a cortina ameaçadora que, â direita, em um ângulo, fecha a abóbada da caverna das Infelicidades. Cada vez que uma delas, em meio ao pânico, levanta uma dobra de cortina,



sobe da cavidade do antro uma tempestade de injúrias, imprecações e maldições. O Cão, o Pão e o Açúcar, de orelhas murchas, vão juntar-se ao grupo das crianças e, envergonhadíssimos, escondem-se atrás delas.

TILTIL (*vendo fugir as Felicidades Gordas*)
Como são feias, meu Deus! Para onde vão?

LUZ

Palavra de honra, acho que perderam a cabeça. Vão se refugiar em casa das Infelicidades, e receio muito que fiquem lá para sempre.

TILTIL (*olha em redor, maravilhado*)
Ah! Que delícia de jardim, que beleza! Onde estamos?

LUZ

Não mudamos de lugar. Seus olhos é que mudaram de esfera. Agora percebemos a verdade das coisas; vamos ver a alma das Felicidades que suportam o brilho do Diamante.

TILTIL

Que beleza! É o tempo, tão bonito! É como se a gente estivesse em pleno verão. Olhe, parece que estão se aproximando, e que vêm nos procurar.

De fato, o jardim começa a povoar-se com formas angélicas, que parecem sair de longo sono e deslizam harmoniosamente entre as árvores. Trajam vestes luminosas, de matizes suaves e sutis: desabrochar de rosa, sorriso de água, azul de aurora, orvalho de âmbar, etc.

LUZ

Estão se aproximando algumas Felicidades amáveis e curiosas, que nos darão informações.

TILTIL

São suas conhecidas?

LUZ

São. Conheço tôdas. Vou muitas vêzes à casa delas, porém não sabem quem sou.

TILTIL

São tantas, tantas! Saem de todos os lados!

LUZ

Antigamente, o número era maior ainda. Mas as Felicidades Gordas foram muito más para elas.

TILTIL

Não tem importância. Sobraram tantas.

LUZ

Você verá muitas outras, à medida que a influência do Diamante se espalhar pelo jardim. Há na Terra muito mais Felicidades do que se imagina. A maioria dos Homens é que não sabe descobri-las.

TILTIL

Ali vêm umas pequeninas. Vamos correr ao encontro delas?

LUZ

É inútil. As que nos interessam passarão por aqui. Não temos tempo de travar relações com tôdas.

O bando de Pequenas Felicidades, aos pulos, e às gargalhadas, acorre do fundo da folhagem, e dança em redor dos meninos.

TILTIL

Que bonitas, ah, que bonitas! De onde vêm? Quem são?

LUZ

São as Felicidades Infantis.

TILTIL

Pode-se falar com elas?

LUZ

Não adianta. Elas cantam, dançam, riem, porém não sabem falar.

TILTIL (*excitadíssimo*)

Bom dia! Bom dia! E aquela gorda ali, que está rindo! Que rostos mais bonitos, que amor de vestidos! Todo mundo aqui é rico?

LUZ

Não. É como em tôda parte: há muito mais pobres do que ricos.

TILTIL

Onde estão os pobres?

LUZ

A gente não distingue. A felicidade de uma criança está sempre revestida do que há de mais belo no céu e na terra.

TILTIL (*não se contendo*)

Quero dançar com elas!

LUZ

É absolutamente impossível. Não há tempo. Vejo que não estão com o Pássaro Azul. Aliás, estão com pressa, não reparou? Já passaram. Também elas não têm tempo a perder, a infância é muito curta.

Outro grupo de Felicidades, um pouco maiores, do que as primeiras, irrompe no jardim, cantando com toda a força: "Estão aqui! Estão aqui! Já nos viram! Já nos viram!" e dança em redor dos meninos uma alegre sarândola; no fim, a que parece chefiar o grupinho dirige-se para Tilttil, estendendo-lhe a mão.

FELICIDADE

Bom dia, Tilttil!

TILTIL

Mais outra que me conhece. (À Luz.) Estou começando a ficar conhecido em toda parte... Quem é você?

FELICIDADE

Não está me reconhecendo? Aposto que não reconhece nenhuma das que estão aqui.

TILTIL (um tanto embaraçado)

Ê, não sei... Não me lembro de ter visto vocês.

FELICIDADE

Ouviram? Eu tinha certeza. Ele nunca nos viu! (As outras felicidades do grupo caem na gargalhada.) Meu caro Tilttil, você nos conhece até demais. Estamos sempre em redor de você. Comemos, bebemos, acordamos, respiramos, vivemos a seu lado.

TILTIL

Sim, é claro, perfeitamente, eu sei, eu me lembro... Mas gostaria de saber como você se chama...

FELICIDADE

Estou vendo que não sabe de nada. Sou a chefe das Felicidades-de-nossa-casa; e essas todas aí são as Felicidades que moram lá.

TILTIL

Então há Felicidades em casa da gente?

As Felicidades caem na gargalhada.

FELICIDADE

Ouviram? Se há Felicidades na casa! Mas, pobrezinho, a casa está cheia delas até não caber mais! Nós rimos, cantamos, criamos alegria a ponto de recuar as paredes e descobrir o teto. Pois apesar de tudo isso, você não vê nada, não escuta nada. Espero que, de futuro, seja um pouco mais inteligente. Enquanto isso, aperte a mão das mais importantes. Depois, ao voltar para casa, há de reconhecê-las facilmente. Afinal, no fim de um belo dia, saberá animá-las com um sorriso, agradecer-lhes com uma palavra amável, pois fazem realmente o que podem para tornar leve e deliciosa a vida de você. Em primeiro lugar, esta sua servidora, a Felicidade-de-ter-saúde. Não sou a mais bonita, porém sou a mais séria. Vai me reconhecer? Esta aqui, a Felicidade-do-ar-puro, é quase transparente. Aqui está a Felicidade-de-amar-os-pais, vestida de cinzento e sempre um pouco triste, pois nunca se repara nela. Eis a Felicidade-do-céu-azul, que naturalmente se veste de azul; a Felicidade-da-floresta, que não menos naturalmente se veste de verde, e que você verá sempre que se debruçar à janela. Eis aqui ainda a boa Felicidade-das-horas-de-sol, que é côr de diamante, e a Primavera, côr de esmeralda maluca...

TILTIL

Vocês são bonitas assim, todos os dias?

FELICIDADE

Claro. Todo dia é domingo, em todas as casas, quando a gente está de olhos abertos. Depois, quando cai a tarde, há a Felicidade-do-pôr-do-sol, mais linda que todas as rainhas do mundo; é seguida pela Felicidade-de-ver-surgir-as-estrelas, dourada como um deus antigo. Depois, quando faz mau tempo, há a Felicidade-da-chuva, coberta de pérolas; e a Felici-

dade-do-fogo-de-inverno, que aquece as mãos geladas, com o seu lindo manto de púrpura. Não falei da melhor de tôdas, porque é quase irmã das Grandes-Alegrias límpidas, que você verá daqui a pouco: a Felicidade-dos-pensamentos-inocentes, a mais clara de nós tôdas. E tem mais ainda. Realmente, somos muitas. Não acabaria nunca a enumeração, e antes de mais nada tenho que prevenir as Grandes-Alegrias, que estão lá em cima, ao fundo, perto das portas do céu, e não sabem ainda que vocês chegaram. Vou mandar lá a Felicidade-de-pisar-des-calço-no-orvalho, que é a mais ágil. (*À Felicidade que acaba de designar, e que se aproxima dando cabriolas.*) Vá!

Nesse momento, uma espécie de diabinho vestido de malha preta, empurrando todo mundo e soltando gritos inarticulados, aproxima-se de Tilttil, e pula doidamente, aplicando-lhe piparotes, cacholetas e pontapés incontroláveis.

TILTIL (*assustado, com profunda indignação*).

Quem é esse selvagem?

FELICIDADE

Bem, é o Prazer-de-ser-insuportável, que fugiu da caverna das Infelicidades. Não se sabe onde prendê-lo. Foge de qualquer lugar, e as próprias Infelicidades não querem mais saber d'êle.

O diabrete continua a azucrinar Tilttil, que tenta em vão defender-se; depois, subitamente, e às gargalhadas, desaparece sem motivo, como aparecera.

TILTIL

Que é que êle tem? É meio maluco?

LUZ

Não sei. Parece que você mesmo é assim, quando não se comporta bem. Mas, enquanto isso, temos de indagar sobre o Pássaro Azul. É possível que a chefe das Felicidades-de-nossa-casa saiba onde êle está.

TILTIL

E onde está?

FELICIDADE

Não sabe onde está o Pássaro Azul!

Tôdas as Felicidades-de-nossa-casa caem na gargalhada.

TILTIL (*vexado*)

Pois se não sei mesmo. Não há motivo para rir.

Novas gargalhadas.

FELICIDADE

Vamos, não fique zangado. E deixemos de brincadeira. Êle não sabe, que é que vocês querem? Nem por isso é mais ridículo do que a maioria dos Homens. Mas a pequena Felicidade-de-pisar-des-calço-no-orvalho já preveniu as Grandes-Alegrias, e elas caminham em nossa direção.

Com efeito, altas e belas figuras angélicas, trajando vestes luminosas, aproximam-se lentamente.

TILTIL

Que bonitas! Por que não riem? São infelizes?

LUZ

Não é quando rimos que somos mais felizes.

TILTIL

Quem são?

FELICIDADE

As Grandes-Alegrias.

TILTIL

Sabe como se chamam?

FELICIDADE

Naturalmente. Brincamos sempre juntas. Aqui está, primeiro, à frente das outras, a Grande-Alegria-de-ser-justo, que sorri cada vez que uma injustiça é reparada — eu sou muito môça, ainda não a vi sorrir. Atrás dela, veja a Alegria-de-ser-bom, que é a mais feliz, porém a mais triste. É muito difícil impedir que ela vá procurar as Infelicidades para consolá-las. À direita, a Alegria-do-trabalho-concluído, ao lado da Alegria-de-pensar. Em seguida, a Alegria-de-compreender, sempre à procura da irmã, a Felicidade-de-não-compreender-nada.

TILTI.

Eu vi a irmã dela! Foi para a casa das Infelicidades, em companhia das Felicidades Gordas.

FELICIDADE

Eu sabia! Foi pelo mau caminho, as más companhias a perverteram completamente. Não conte isso à irmã. Ela havia de querer procurá-la, e com isso perderíamos uma das alegrias mais belas. Ali está ainda, entre as maiores, a Alegria-de-ver-o-que-é-belo, que todo dia traz novos raios à claridade que reina aqui.

TILTI.

E aquela, bem longe, entre nuvens de ouro, que mesmo eu ficando na ponta dos pés, mal consigo ver?

FELICIDADE

É a grande Alegria-de-amar. Por mais que se esforce, você ainda é muito pequenino para vê-la inteiramente.

TILTI.

E lá adiante, bem no fundo, aquelas que estão encobertas e não se aproximam?

FELICIDADE

São as Alegrias que os Homens ainda não conhecem.

TILTI.

Que é que as outras estão querendo? Por que se afastam?

FELICIDADE

Porque uma Alegria nova está chegando, talvez a mais pura de tôdas.

TILTI.

Qual é?

FELICIDADE

Não a reconheceu ainda? Repare bem, arregale os olhos até o fundo da alma. Ela já viu você, já viu! Está correndo e lhe estende os braços! É a Alegria de sua mãe, a Alegria-incomparável-do-amor-materno.

Depois de aclamá-la, as outras Alegrias, vindas de toda parte, afastam-se em silêncio, diante da Alegria-do-amor-materno.

AMOR MATERNO

Titil! Mitil! São vocês? São vocês mesmo que estou vendo aqui? Eu não esperava! Estava tão sôzinha em casa, e de repente vocês dois sobem ao céu, onde as almas das mães cintilam alegremente. Mas, antes de tudo, quero beijos, uma porção enorme de beijos. Todos dois em meus braços: não há nada no mundo que dê mais felicidade. Titil, você não ri? Nem você também, Mitil? Não conhecem o amor de mamãe? Reparrem em mim: não são meus olhos, meus lábios, meus braços?

TILTI.

Claro que estou reconhecendo, mas eu não sabia... Você se parece com mamãe, mas é muito mais bonita.

AMOR MATERNO

Mas é evidente: eu não envelheço mais. E cada dia que passa me dá força, juventude, felicidade. Cada sorriso de você

me remoça um ano. Lá em casa isto não se vê, mas aqui se vê tudo, e é verdade.

TILTIL (*maravilhado, contempla-a e beija-a alternadamente*)

É esse vestido tão bonito, é feito de quê? De seda, de prata, de pérolas?

AMOR MATERNO

Não. É de beijos, de olhares, de carícias. Cada beijo que se dá, põe nêle um raio de luar ou de sol.

TILTIL

Engraçado, eu nunca podia imaginar que você fôsse tão rica. Mas onde é que escondia êste vestido? No armário de que papai tem a chave?

AMOR MATERNO

Não, eu uso sempre êste vestido, mas não se vê, porque a gente não vê nada quando está de olhos fechados. Tôdas as mães são ricas, quando gostam dos filhos. Não há mães pobres, feias ou velhas. O amor delas é sempre a Alegria mais bonita de tôdas. E quando parecem tristes, basta receberem ou darem um beijo para que tôdas as suas lágrimas se tornem estrêlas, no fundo dos olhos.

TILTIL (*olha-a, espantado*)

É mesmo, é verdade! Seus olhos estão cheios de estrêlas... E são mesmo seus olhos, mas estão muito mais bonitos. É a sua mão também, com aquêle anelzinho... Tem aquela mesma queimadura de quando você foi acender o lampião. Mas está muito mais branca, e a pele é tão fina. Até parece que há uma luz escorrendo nela. Não trabalha, como a sua mão lá de casa?

AMOR MATERNO

Pois olhe, é exatamente a mesma. Não reparou que ela fica branquinha e cheia de claridade, quando faz carinho em você?

TILTIL

É incrível, mamãe: a voz também é a sua, mas você fala muito melhor do que lá em casa.

AMOR MATERNO

Lá em casa a gente tem muito que fazer, não há tempo. Mas aquilo que não se diz, ouve-se do mesmo jeito. Agora que já me viu, será que vai me reconhecer com o meu vestido rasgado, quando amanhã você voltar para casa?

TILTIL

Não quero voltar. Já que você está aqui, quero ficar aqui também enquanto você estiver.

AMOR MATERNO

Mas é a mesma coisa, é lá que eu estou, é lá que nós estamos. Você só veio aqui para perceber, para ficar sabendo, afinal, como é que deve me ver lá em casa. Compreendeu, Tilttil? Você supõe estar no céu, mas o céu está em tôda parte onde nós nos beijamos. Não há duas mães, e você não tem outra. Cada menino só tem uma e é sempre a mesma, sempre a mais linda, mas é preciso conhecê-la e saber olhá-la. Mas, como você fez para chegar aqui e descobrir um caminho que os Homens têm procurado desde que apareceram na Terra?

TILTIL (*mostra a Luz que, por discrição, se afastou um pouco*)

Foi ela que me conduziu.

AMOR MATERNO

Quem?

TILTIL

A Luz.

AMOR MATERNO

Eu nunca a vi. Disseram-me que ela gostava muito de você, e que era muito boa. Por que se esconde? Nunca mostra o rosto?

TIL.TIL.

Mostra, sim. Mas tem medo das Felicidades terem medo se virem tudo claro demais.

AMOR MATERNO

Então não sabe que vivemos esperando por ela? (*Chama as outras Grandes-Alegrias.*) Venham, venham, irmãs. Venham, corram tôdas, é a Luz que veio finalmente nos visitar!

Frêmito entre as Grandes-Alegrias, que se aproximam.
Gritos: "A Luz está aqui! A Luz, a Luz!"

ALEGRIA-DE-COMPREENDER (*afasta as outras, para vir beijar a Luz*).

Você é a Luz, e não sabíamos! Há anos e anos que nós a esperávamos! Está me reconhecendo? Sou a Alegria-de-compreender, que procurou tanto você. Somos muito felizes, mas não enxergamos para além de nós mesmas.

ALEGRIA-DE-SER-JUSTO (*beija a Luz, por sua vez*)

Está me reconhecendo? Sou a Alegria-de-ser-justo, que chamou tanto por você. Somos muito felizes, porém não enxergamos para além de nossas sombras.

ALEGRIA-DE-VER-O-QUE-É-BELO (*beija-a também*)

E a mim, não reconhece? Sou a Alegria-da-beleza, que gosta tanto de você. Somos muito felizes, porém não enxergamos para além de nossos sonhos.

ALEGRIA-DE-COMPREENDER

Viu, irmã, viu? Não nos faça esperar mais. Somos bastante fortes, bastante puras. Retire, pois, esse véu que nos oculta ainda as últimas verdades e as últimas felicidades. Olhe, minhas irmãs se ajoelham a seus pés. Você é a nossa rainha, a nossa recompensa.

LUZ (*aconchega mais o véu*)

Irmãs, minhas belas irmãs, eu obedeco ao meu Senhor. Ainda não chegou a hora, que um dia talvez soará. Então voltarei sem temores e sem sombras. Adeus. Levantem-se. Vamos nos beijar mais uma vez, como irmãs que se encontram à espera do dia que vai clarear daqui a pouco.

AMOR MATERNO (*beijando a Luz*)

Você foi boa para meus queridinhos.

LUZ

Serei sempre boa para aqueles que se amam.

ALEGRIA-DE-COMPREENDER (*aproxima-se da Luz*)

Queria que o último beijo fôsse dado na minha testa.

Beijam-se longamente e, ao se separarem e erguerem as cabeças, têm lágrimas nos olhos.

TIL.TIL (*espantado*)

Por que estão chorando? (*Repara nas outras Alegrias.*)
Ué, vocês também... Por que é que todo mundo está com lágrimas nos olhos?

LUZ

Silêncio, meu filho...

PANO

QUINTO ATO

DÉCIMO QUADRO

NO REINO DO FUTURO

Salas imensas, no Palácio do Azul, onde esperam as crianças que vão nascer. — Infinitas perspectivas de colunas de safira, sustentando abóbadas de turquesa. Tudo, desde a luz e as lajes de lápis-lazúli até as pulverulências do fundo, onde se perdem os últimos arcos, até os menores objetos, é de um azul irreal, intenso, feérico. Sômente os capitéis e os socos das colunas, as chaves de abóbadas e alguns bancos circulares são de mármore branco ou de alabastro. — À direita, entre colunas, grandes portas opalinas, cujas fôlhas, ao findar a cena, serão fechadas pelo Tempo, e que se abrem sôbre a Vida Atual e o caos do Amanhecer. Por tôda parte, e encher harmoniosamente a sala, chusma de crianças trajando longas vestes azuladas. — Estas brincam, aquelas passeiam, outras conversam ou devaneiam; muitas dormem, outras tantas trabalham, entre colunatas, nas invenções futuras; os utensílios, instrumentos e aparelhos que constroem, as plantas, flôres e frutos que cultivam ou colhem, têm o mesmo azul sobrenatural e luminoso da atmosfera geral do Palácio. — Entre as crianças, revestidas de azul mais pálido e mais diáfano, desfilam e tornam a desfilar algumas figuras de porte elevado, de uma beleza soberana e silenciosa, semelhantes a anjos.

Entram à esquerda, como furtivamente, esgueirando-se por entre as colunas do primeiro plano, Tilttil, Mitil e a Luz. A chegada provoca certo movimento entre os Meninos-Azuis, que logo acorrem de todos os lados e se agrupam em redor dos insólitos visitantes, contemplando-os curiosamente.

TILTIL

Onde estão o Açúcar, a Gata e o Pãozinho?

LUZ

Não podem entrar. Ficariam conhecendo o Futuro, e não obedeceriam mais.

TILTIL

E o Cão?

LUZ

Também não é conveniente que êle saiba o que o espera no decorrer dos séculos. Todos ficaram presos no subterrâneo da igreja.

TILTIL

Onde é que estamos?

LUZ

No Reino do Futuro, entre as crianças que ainda não nasceram. Uma vez que o Diamante nos permite enxergar bem nesta região que os Homens não percebem, provavelmente encontraremos aqui o Pássaro Azul.

TILTIL

Claro que encontraremos, pois tudo aqui é azul. (Olha em redor.) Que beleza tudo isso, meu Deus!

LUZ

Olhe os meninos chegando.

TILTIL

Zangados?

LUZ

Não. Repare que estão sorrindo, embora espantados.

MENINOS-AZUIS (acorem cada vez mais numerosos)
Meninos Vivos! Venham ver Meninos Vivos!

TILTIL

Por que é que nos chamam de Meninos Vivos?

LUZ

Porque eles ainda não vivem.

TILTIL

Então, que é que eles fazem?

LUZ

Esperam a hora de nascer.

TILTIL

Hora de nascer?

LUZ

É. Daqui saem todas as crianças que nascem na Terra. Cada qual espera o seu dia. Quando os Pais e as Mães encomendam um filho, abrem-se as portas que você está vendo à direita, e descem os bebês.

TILTIL

São tantos, tantos!

LUZ

Há muitos outros ainda. Nem todos se vêem; seria impossível. Pense um pouco: tem de haver uma quantidade suficiente para chegar até o fim do mundo. Ninguém seria capaz de fazer a conta.

TILTIL

É aqueles vultos grandes, azuis? Quem são?

LUZ

Não se sabe ao certo. Supõe-se que sejam Anjos da Guarda. Dizem que vão à Terra logo depois das Crianças. É proibido interrogá-los.

TILTIL

Por quê?

LUZ

É um segredo da Terra.

TILTIL

E os outros, pequenos, posso falar com eles?

LUZ

Pode, mas é preciso travar relações. Olhe, está ali um mais curioso do que os outros. Chegue perto e fale com ele.

TILTIL

Que é que vou dizer?

LUZ

O que quiser. Faça de conta que é um amiguinho seu.

TILTIL

Posso lhe dar a mão?

LUIZ

Evidentemente. Não irá fazer mal a você. Mas que é isso, não fique assim tão acanhado. Vou deixar os dois sôzinhos, ficarão mais à vontade. Além disso, precisa conversar com a Grande-Figura-Azul.

TILTIL (aproxima-se do Menino-Azul e estende-lhe a mão)
Bom dia! (Tocando com o dedo a roupa azul do Menino.)

Que é isso?

MENINO (tocando com o dedo, gravemente, o chapéu de Tilttil)
É isso?

TILTIL
Isso? Meu chapéu. Você não tem?

MENINO
Não. Para quê?

TILTIL
Para dar bom-dia. Além disso, quando faz frio...

MENINO
Que é fazer frio?

TILTIL
Quando a gente fica tremendo assim: Chiiii! e sopra as mãos, mexe assim com os braços...
Agita os braços, vigorosamente.

MENINO
É frio, na terra?

TILTIL
Às vezes é, no inverno, quando a gente não tem fogo.

196

MENINO

Por que não tem?

TILTIL

Porque custa caro e é preciso dinheiro para comprar!

MENINO

Que é dinheiro?

TILTIL

Esse negócio que serve para pagar.

MENINO

Ah!

TILTIL

Uns têm, outros não têm dinheiro.

MENINO

Por quê?

TILTIL

Porque não são ricos. Você é rico? Que idade tem?

MENINO

Vou nascer daqui a pouco. Dentro de doze anos. É bom nascer?

TILTIL

Ah, é. Tão divertido!

MENINO

Como que você fez?

TILTIL

Não me lembro mais. Há tanto tempo!

197

MENINO

Dizem que é tão bonito, a Terra, os Vivos...

TILTIL

É, mais ou menos. Tem passarinhos, doces, brinquedos. Uns têm tudo; mas quem não tem, pode olhar para os outros.

MENINO

Dizem que as mães esperam à porta. São boas mesmo?

TILTIL

Ah, isto são. Melhores do que tudo quanto existe. As vovós também são, mas é pena: morrem tão depressa...

MENINO

Morrem? Que é isso?

TILTIL

Vão-se embora de noite, e não voltam mais.

MENINO

Por quê?

TILTIL

Eu é que sei? Talvez fiquem tristes.

MENINO

A sua foi embora?

TILTIL

Minha vovó?

MENINO

Sua mamãe ou sua vovó, sei lá.

TILTIL

Ah, não é a mesma coisa. As vovós vão primeiro, e bem triste. A minha era muito boa.

MENINO

Que é que têm seus olhos? Fazem pérolas?

TILTIL

Não são pérolas, não.

MENINO

Então que é?

TILTIL

Nada. É essa porção de azul, que me dói um pouco n vista.

MENINO

Como se chama isso?

TILTIL

O quê?

MENINO

Isso que está caindo.

TILTIL

Nada. Um pouco de água.

MENINO

Dos olhos?

TILTIL

É, sai às vezes, quando a gente chora.

MENINO

Que é chorar?

TILTIL

Eu não chorei, não. A culpa é dêsse azul. Mas se tivesse chorado, era a mesma coisa.

MENINO

Vocês choram muito?

TILTIL

Os meninos, não; as meninas. Aqui ninguém chora?

MENINO

Acho que não.

TILTIL

Bem, você vai aprender. Que é isso com que você está brincando, essas asas brancas, enormes?

MENINO

Isso? É a invenção que vou levar para a Terra.

TILTIL

Invenção? Você é inventor?

MENINO

Claro, pois você não sabe? Quando eu estiver na Terra hei de inventar a Coisa-que-faz-a-gente-feliz.

TILTIL

É boa de comer? Faz barulho?

MENINO

Não. Não se escuta nada.

TILTIL

Que pena.

200

MENINO

Trabalho nela todo dia. Está quase pronta. Quer ver?

TILTIL

Quero. Onde está?

MENINO

Ali. Você pode ver, entre estas duas colunas.

OUTRO MENINO-AZUL. (*aproxima-se de Tilttil e puxa-o pela manga*).

Quer ver a minha, quer?

TILTIL

Quero, sim. Que é?

SEGUNDO MENINO

Trinta e três remédios para prolongar a vida. Ali, naqueles frascos azuis.

TERCEIRO MENINO (*destaca-se da multidão*)

Pois eu trouxe uma luz que ninguém conhece. (*Ilumina-se inteiramente com uma chama extraordinária*.) Curioso, não?

QUARTO MENINO (*Puxa Tilttil pelo braço*)

Venha ver minha máquina que voa como um pássaro sem asas.

QUINTO MENINO

Não, não. Primeiro a minha, para achar os tesouros escondidos na luz!

Os Meninos-Azuis se acotovelam em redor de Tilttil e Mitil, gritando todos ao mesmo tempo: "Não, não, venha ver a minha! Não, a minha é mais bonita! A minha é espantosa! A minha é toda de açúcar! A dele não tem nada demais! Ele roubou a minha idéia!", etc. Em meio a essas exclamações desordenadas,

201

os Meninos Vivos são arrastados na direção das Oficinas Azuis; aí, cada inventor faz uma demonstração de sua máquina ideal. É um redemoinho cercado de rodas, discos, volantes, engrenagens, polias, correias, objetos estranhos e ainda sem nome, envoltos nos azulinos vapores do irreal. A chusma de aparelhos bizarros e misteriosos se projeta e paira sob as abóbadas, ou rasteja ao pé das colunas, enquanto crianças desenrolam mapas e plantas, abrem livros, desvendam estátuas azuladas, trazem flôres enormes e frutos gigantescos, que se diria formados de safiras e de turquesas.

MENININHO-AZUL (curvado ao pêso de margaridas azuis, colossais)

Vejam minhas flôres!

TILTIL

Que é isso? Nunca vi.

MENININHO-AZUL

São margaridas.

TILTIL

Não é possível. Do tamanho de uma rodal

MENININHO-AZUL

E que perfumadas!

TILTIL (cheira-as)

Fabuloso!

MENININHO-AZUL

Vão ficar assim, quando eu estiver na Terra.

TILTIL

Quando vai ser?

MENININHO-AZUL

Daqui a 53 anos, 4 meses e 9 dias.

Chegam dois Meninos-Azuis, trazendo, como um lustre pendurado a uma vara, espantoso cacho de uvas, cujos bagos são maiores do que peras.

UM DOS MENINOS QUE CARREGAM O CACIO

Que é que você acha de minhas frutas?

TILTIL

É um cacho de peras.

MENINO

Nada disso. São uvas. Serão tôdas assim, quando eu tiver 30 anos. Descobri o meio.

OUTRO MENINO (esmagado sob uma cesta de maçãs azuis, do tamanho de melões)

E eu? Vejam minhas maçãs.

TILTIL

São melões.

MENINO

Não, senhor. São maçãs, e das menos bonitas. Tôdas serão dêsse jeito, quando eu fôr vivo. Descobri o processo.

OUTRO MENINO (traz, num carrinho de mão, melões azuis, maiores do que abóboras)

É meus melõezinhos?

TILTIL

São abóboras.

MENINO DOS MELÕES

Quando eu fôr para a terra, os melões hão de ficar orgulhosos. Serei hortelão do Rei dos Nove Planêtas.

TILTIL.

Rei dos Nove Planêtas? Onde está êle?

REI DOS NOVE PLANÊTAS (*avança orgulhosamente; parece ter quatro anos, e com grande dificuldade se mantém de pé sôbre perninhas tortas*)

Aqui!

TILTIL.

Muito bem. Você não é lá muito grande...

REI DOS NOVE PLANÊTAS (*grave e silencioso*)

O que vou fazer será grande.

TILTIL.

Que é que você vai fazer?

REI DOS NOVE PLANÊTAS

Vou fundar a Confederação Geral dos Planêtas Solares.

TILTIL (*embasbacado*)

Ê mesmo?

REI DOS NOVE PLANÊTAS

Todos farão parte dela, menos Saturno, Urano e Netuno, que estão a distâncias exageradas e incomensuráveis.

Retira-se com dignidade.

TILTIL.

Êle é bem interessante.

UM MENINO-AZUL

Está vendo aquêle ali?

TILTIL.

Qual?

204

MENINO

Aquêle que dorme perto da coluna.

TILTIL.

E então?

MENINO

Vai levar a alegria pura à face da Terra.

TILTIL.

Como?

MENINO

Por meio de idéias que ninguém teve ainda.

TILTIL.

E aquêle outro, aquêle gordinho que meteu o dedo no nariz: que vai fazer?

MENINO

Vai encontrar o fogo para aquecer a Terra, quando o Sol esfriar.

TILTIL.

E aquêles dois de mãos dadas, que vivem se beijando? Irmão e irmã?

MENINO

Não, são engraçadíssimos... São os Namorados.

TILTIL.

Que é isso?

205

MENINO

Não sei. O Tempo é que diz assim, para caçoar deles. Ficam o dia inteiro de olhos mergulhados nos olhos, se beijando, se dizendo adeus...

TILTIL

Por quê?

MENINO

Acho que não podem seguir juntos.

TILTIL

É o pequenino todo cor-de-rosa, de cara tão séria, que está chupando o polegar?

MENINO

Parece que ele deve apagar a Injustiça da face da Terra.

TILTIL

Hein?

MENINO

Dizem que é um trabalho duríssimo.

TILTIL

E aquele ruivinho, que anda como se não enxergasse? É cego?

MENINO

Ainda não, mas vai ficar. Olhe bem para ele; parece que tem de vencer a morte.

TILTIL

Que quer dizer isso?

206

MENINO

Não sei ao certo, mas dizem que é grandioso...

TILTIL (*indica a multidão de crianças adormecidas junto às colunas, em degraus, bancos, etc.*)

E aqueles todos que estão dormindo — são tantos! Não fazem nada?

MENINO

Pensam em alguma coisa.

TILTIL

Em quê?

MENINO

Ainda não sabem. Mas devem levar alguma coisa para a Terra. É proibido sair de mãos vazias.

TILTIL

Quem proíbe?

MENINO

O Tempo, que fica junto à porta. Você verá quando ele abrir. É bem cacête...

UM MENINO (*que acaba de chegar, beijando Tilttil e Mitil com efusão*)

Bom dia! Tudo bem? Me dê um beijo, vamos. Você também, Mitil. Não se espante de eu saber seu nome, pois vou ser seu irmão. Acabaram de me dizer que você estava aqui. Eu estava ali no canto da sala, empacotando minhas idéias. Diga a Mamãe que estou pronto.

TILTIL

Como? Você quer ir lá para casa?

207

MENINO

Claro, no ano que vem, no Domingo de Ramos. Não me atormente muito enquanto eu for pequeno. . . Estou tão satisfeito por ter beijado vocês antes da hora. Diga a Papai para consertar o berço. É bom, lá em casa?

TILTIL

Mais ou menos. Mamãe é muito boa.

MENINO

E a comida?

TILTIL

Depende. Há dias até em que a gente ganha doce, não é Mitil?

MITIL

No dia de Ano-Bom e no 14 de julho. Mamãe é quem faz.

TILTIL

Que é que você tem no saco? Vai nos levar alguma coisa?

MENINO (orgulhosíssimo)

Levo três doenças: escarlatina, coqueluche e rubéola.

TILTIL

Ainda bem, se for só isso. E depois, que é que vai fazer?

MENINO

Depois? Vou-me embora.

TILTIL

Assim, não vale a pena ir.

MENINO

Pensa que a gente pode escolher?



Nesse momento, eleva-se e espalha-se uma espécie de vibração prolongada, intensa e cristalina, que parece emanar das colunas e das portas de opala, banhadas por uma claridade mais viva.

TILTIL

Que é isso?

UM MENINO

É o Tempo. Vai abrir as portas.

Logo se propaga um vasto rebuliço na multidão dos Meninos-Azuis. A maior parte larga suas máquinas e seus trabalhos; muitos que dormiam, acordam; uns e outros voltam os olhos para as portas de opala, e delas se aproximam.

Luz (indo para perto de Tilttil)

Vamos nos esconder atrás das colunas. Não convém que o Tempo nos descubra.

TILTIL

De onde é que vem esse ruído?

UM MENINO

É a Aurora que se levanta. Está na hora em que as crianças que vão nascer hoje descerão à Terra.

TILTIL

Como é que vão descer? Há escada?

MENINO

Você vai ver. O Tempo está puxando o ferrólho.

TILTIL

Que é o Tempo?

MENINO

Um velho que vem chamar os que viajam.

TILTIL

É mau?

MENINO

Mau não é, mas não atende a ninguém. É inútil suplicar; se não fôr a vez, ele repele os que querem ir.

TILTIL

Vocês gostam de partir?

MENINO

Não gostamos de ficar, mas ficamos tristes quando partimos. Olhe, está abrindo!

As grandes portas opalinas giram lentamente sobre os gonzo. Ouvem-se, qual música longínqua, rumores da Terra. Uma claridade vermelha e verde penetra na sala; o Tempo, velho alto, de barba esvoaçante, munido de [oíce e ampulheta, surge no pórtico, enquanto se percebe a ponta das velas brancas e douradas de uma galera encostada à espécie de cais, [ormada pelos vapôres róseos da Aurora.

TEMPO (no limiar)

Os de hora marcada estão prontos?

MENINOS-AZUIS (rompem a multidão e correm de todos os lados)

Estamos aqui! Estamos aqui! Estamos aqui!

TEMPO

Um a um! Outra vez aparecem muitos além dos chamados. Sempre a mesma coisa! A mim não me enganam. (Repele uma

criança.) Não é a sua vez. Volte amanhã. Você também não vá para trás, e volte daqui a dez anos. Um décimo terceiro pastor? Bastam doze; não há necessidade, não estamos mais na Terra de Teócrito, ou de Virgílio. Mais médicos? Eles já são tantos, que na Terra os moradores estão se queixando... E os engenheiros, onde estão? Precisamos de um homem de bem, um só, a título de fenômeno. Afinal, onde está o homem de bem? É você? (O menino diz "sim", com a cabeça.) Parece tão fraco, não vai viver muito tempo. Olá, vocês aí, tão depressa, não! E você, que traz? Nada de nada? De mãos vazias. Então não pode passar. Prepare alguma coisa, um crime sensacional, se quiser, uma doença... Para mim tanto faz. Mas é preciso alguma coisa. (Percebe um menino que outros empurram para a frente e que resiste com toda a força.) Você aí, que é quem tem? Sabe perfeitamente que está na hora. Pedem um herói para combater a Injustiça; é você, tem de embarcar.

MENINOS-AZUIS

Ele não quer, senhor.

TEMPO

Não quer, como? Que é que esse monstrinho está pensando? Nada de reclamações, não temos tempo!

MENINO (empurrado)

Não! Não quero! Prefiro não nascer! Prefiro ficar aqui!

TEMPO

Não se trata de querer ou não. Chegou a hora, está acabado. Vamos, depressa, para a frente!

OUTRO MENINO (passa à frente)

Ah, me deixem passar! Eu fico no lugar dele. Soube que meus pais são velhos e me esperam há muito.

TEMPO

Nada disso. Hora é hora, tempo é tempo. Não acabaria mais se eu fôsse escutar vocês. Um quer, outro não quer, é muito

cedo, é muito tarde... *(Afasta as crianças que invadem o pòrtico.)* Perto demais, não, meninos. Para trás, curiosos. Os que não viajam não têm nada que ver aqui fora. Estão com pressa? Quando chega a vez, ficam com medo e recham. Vejam só, ali estão quatro que tremem como varas verdes. *(A um menino que, no momento de atravessar o pòrtico, se volta bruscamente.)* Então, que há? Que é que você tem?

TEMPO

Esqueci a caixa com dois crimes que tenho de cometer.

OUTRO MENINO

E eu, o potinho com a idêia para esclarecer as multidões.

TERCEIRO MENINO

Esqueci o enxêrto da minha pêra mais bonita.

TEMPO

Corram e procurem depressa. Restam apenas 612 segundos. A galera da Aurora já içou as velas, para mostrar que está esperando. Você vão chegar muito tarde e não nascerão mais. Vamos, depressa, embarquem! *(Segura um menino que tenta passar entre suas pernas para chegar ao cais.)* Ah, você não, o pegar de nôvo, ficará esperando eternamente, junto da minha irmã Eternidade, e você sabe que não é lá muito divertido. Como é, estão prontos? Todo mundo a postos? *(Passa em revista, com o olhar, as crianças reunidas no cais ou já sentadas na galera.)* Falta um. Não adianta se esconder, daqui o vejo na multidão. A mim não enganam. Vamos, você aí, Namorado, diga adeus à sua pequena.

As duas crianças, que têm o nome de Namorados, abraçadas ternamente, e com desespero nos rostos lividos, dirigem-se ao Tempo e se ajoelham a seu pés.

MENINA

"Seu" Tempo, me deixe seguir com êle!

212

MENINO

"Seu" Tempo, me deixe ficar com ela!

TEMPO

Impossível. Faltam apenas 394 segundos.

MENINO

Prefiro não nascer.

TEMPO

A escolha não depende de vocês.

MENINA *(suplicante)*

"Seu" Tempo, vou chegar tarde demais!

MENINO

Não estarei mais lá quando ela descer!

MENINA

Nunca mais o verei!

MENINO

Vamos ficar sòzinhos no mundo!

TEMPO

Não tenho nada com isso. Reclamem da Vida. Eu uno e separo segundo me mandaram. *(Segura o menino.)* Venha.

MENINO *(debate-se)*

Não, não, não! Ela também!

MENINA *(agarra-se à roupa do menino)*

Soltel Soltel

213

TEMPO

Que é isso, não é para morrer, é para viver. (*Arrasta o menino.*) Venha cá!

MENINA (*estende passionalmente os braços para o menino, que é levado à força*),

Um sinal! Só um sinal! Diga como é que vou reconhecer você!

MENINO

Hei de amar você a vida inteira!

MENINA

Vou ser a menina mais triste! Você me reconhecerá!

Cai e fica estendida no chão.

TEMPO

Seria melhor vocês esperarem. E agora, pronto. (*Consulta a ampulheta.*) Faltam só 63 segundos.

Última e intensa agitação entre as crianças que embarcam e as que ficam. Trocam-se aduses apressados: "Adeus, Pedrol — Adeus, João! — Está levando tudo que é necessário? Anuncie meu pensamento! — Não esqueceu nada? — Procure me reconhecer! — Hei de encontrar você! — Não perdeu suas idéias? — Não se debruce demais no Espaço! — Mandem notícias! — Dizem que é impossível. . . — Mandem, experimente de qualquer modo. — Mandem dizer se é bonito! Irei ao seu encontro! — Vou nascer no tronol" etc., etc.

TEMPO (*agita as chaves e a foice*)

Basta! Basta! A âncora já foi levantada!

Passam e desaparecem as velas da galera. Vão enfraquecendo os gritos infantis lá dentro: "Terra! terra! Já estou vendo!

É bonita! É clara! É grandel. . . "Depois, como a sair do fundo do abismo, canto extremamente longínquo, de alegria e esperança.

TILTIL (*à Luz*)

Que é? Eles não cantam mais, parece que as vozes mudaram. . .

LUZ

Sim, é o canto das Mães que vêm ao encontro deles.

Enquanto isso, o Tempo fecha as portas opalinas. Volta-se para lançar um último olhar ao salão, e subitamente percebe Tilttil, Mitil e a Luz.

TEMPO (*estupefato, furioso*).

Que negócio é esse? Que estão fazendo aqui? Quem são vocês? Por que não são azuis? Por onde entraram?

Avança, ameaçando-os com a foice.

LUZ (*a Tilttil*)

Não responda! Apanhei o Pássaro Azul. . . Está escondido no meu capote. Vamos embora. Vire o Diamante, e ele perderá o nosso rumo.

Fogem pela esquerda, entre colunas do primeiro plano.

PANO

SEXTO ATO

DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO

ADEUS

O cenário representa um muro, com pequeno portão.
Amanhece.

*Entram Tilttil, Mitil, a Luz, o Dão,
Açúcar, o Fogo e o Leite.*

LUZ
Você não é capaz de adivinhar onde estamos.

TILTIL
Claro que não, Luz. Não sei.

LUZ
Não reconhece este muro, este portãozinho?

TILTIL
É um muro vermelho, com um portãozinho verde.

LUZ
Isso não lembra nada a você?

TILTIL
Lembra que o Tempo nos botou pela porta afora.

LUZ
Como as pessoas são engraçadas no sonho! Não reconhecem as suas próprias mãos.

TILTIL
Quem está sonhando, eu?

LUZ

Talvez seja eu... Quem sabe? Pois este muro rodeia uma casa que você viu mais de uma vez depois do seu nascimento.

TILTIL

Uma casa que eu vi mais de uma vez?

LUZ

Isso mesmo, "seu" dorminhoco. A casa de onde nós saímos aquela noite, há exatamente um ano.

TILTIL

Exatamente um ano? Como?

LUZ

Não arregale os olhos como se fossem grutas de safira. É ela, sim, é a casa gostosa de seus pais.

TILTIL (*aproxima-se da porta*)

Mas eu acho... Realmente... Me parece que... Esse portãozinho... Estou reconhecendo a fechadura. Eles estão aí? Mamãe está aqui perto? Quero entrar depressa, para beijar Mamãe!

LUZ

Um momento. Estão dormindo a sono solto; não convém que eles acordem sobressaltados. Aliás, este portão só vai abrir quando chegar a hora.

TILTIL

Que hora? Temos de esperar muito?

LUZ

Ah, não. Só uns minutinhos.

220

TILTIL

Não está satisfeita de entrar? Que é que você tem, Luz? Ficou pálida, parece doente.

LUZ

Nada, meu filho. Estou um pouco triste, porque vou deixá-los.

TILTIL

Nos deixar?

LUZ

É preciso. Não tenho mais nada a fazer aqui. Acabou o ano, a Fada vai voltar e pedir o Pássaro Azul.

TILTIL

Mas eu não tenho o Pássaro Azul! O da Saudade ficou completamente preto, o do Futuro completamente vermelho, os da Noite morreram, e eu não pude pegar o da Floresta. É culpa minha se eles mudam de cor, fogem ou morrem? A Fada vai se zangar? Que é que ela vai dizer?

LUZ

Fizemos o possível. Parece que o Pássaro Azul não existe, ou então muda de cor quando entra na gaiola.

TILTIL

É a gaiola, onde está?

PÃO

Aqui, senhor. Foi entregue a meus cuidados especiais durante esta longa e perigosa viagem. Hoje que minha missão chega ao fim, vou restituí-la, intata e bem fechada, tal qual a recebi. (*Como orador que toma a palavra.*) Agora, em nome de todos, seja-me permitido acrescentar algumas palavras...

221

FOGO

Ele não está com a palavra!

ÁGUA

Silêncio!

PÃO

As interrupções malévolas de um inimigo desprezível, de um rival invejoso... *(Virgue a voz.)* não me impedirão de cumprir o dever até o fim. Portanto, em nome de todos...

FOGO

No meu, não. Tenho língua.

PÃO

Portanto, em nome de todos, e com emoção contida mas sincera e profunda, eu me despeço de duas crianças predestinadas, cuja alta missão termina hoje. Ao dizer-lhes adeus com toda a emoção, toda a ternura que a mútua estima...

TILTIL

Como? Está dizendo adeus? Então você também vai nos deixar?

PÃO

Ai de mim! É preciso... Vou deixá-los, é verdade, mas a separação será apenas aparente. Vocês não me ouvirão mais falar.

FOGO

Não se perde muito com isso.

ÁGUA

Silêncio!

222

PÃO *(muito digno)*

Isso não me atinge. Mas, como ia dizendo: vocês não me ouvirão mais, não me verão mais sob forma animada. Seus olhos irão se fechar para a vista invisível das coisas, mas eu estarei sempre lá, na arca, na prateleira, na mesa, ao lado da sopa. Eu que, ousei dizê-lo, sou o mais fiel comensal, o mais velho amigo do homem...

FOGO

E eu, então?

LUZ

Vamos, os minutos correm, está quase na hora que nos fará voltar ao silêncio. Beijem depressa as crianças.

FOGO *(precipita-se)*

Primeiro eu, primeiro eu! *(Beija violentamente os meninos.)* Adeus, Tilttil, Mitil! Adeus, queridos! Lembrem-se de mim se algum dia precisarem de alguém para tocar fogo em alguma parte.

MITIL

Ai! Ai! Está me queimando!

TILTIL

Ai! Ai! Torrou meu nariz!

LUZ

Que é isso, Fogo? Modere suas efusões. Você não está lidando com a lareira.

ÁGUA

Idiota!

223

PÃO

Mal-educado!

ÁGUA (*aproxima-se das crianças*)

Vou beijar vocês sem lhes fazer mal, meus filhos. Ternamente.

FOGO

Cuidado, que ela molha!

ÁGUA

Sou doce e amorosa. Sou boa para as criaturas humanas.

FOGO

E os afogados?

ÁGUA

Queiram bem às Fontes, procurem ouvir os Riachos. Estou sempre nêles.

FOGO

Ela inundou tudo!

ÁGUA

A tardinha, quando vocês se sentarem à beira da água nascente — há muitas nascentes aqui, na floresta — procurem compreender o que elas dizem. Não posso mais... As lágrimas me sufocam, não me deixam falar...

FOGO

Não parece.

ÁGUA

Lembrem-se de mim quando virem a jarra. Também me acharão no pote, no regador, na cisterna e na torneira.

224

AÇÚCAR (*naturalmente hipócrita e dulçoroso*)

Se sobrar um lugarzinho na lembrança, recordem-se de que às vezes minha presença foi doce para vocês... Não posso dizer mais nada. As lágrimas são contrárias ao meu temperamento, e me fazem bastante mal quando molham meus pés.

PÃO

Jesuíta!

FOGO (*em falso*)

Pirulitos! Balas! Caramelos!

TILTIL

Afinal, para onde foram Tilete e Tilô? Que estão fazendo? No mesmo instante, ouvem-se gritos agudos, da Gata.

MITIL (*alarmada*)

Tilete está chorando! Foi maltratada!

A Gata entra correndo, eriçada, despenteada, vestes rôtas, de lenço no focinho, como se estivesse com dor de dente. Solta miados furiosos, perseguida de perto pelo Cão, que a enche de cabeçadas, sôcos e pontapês.

CÃO (*bate na Gata*)

Tome! Apanhou bastante? Quer mais? Tome! Tome!

LUZ, TILTIL e MITIL (*correm a separá-los*)

Está maluco, Tilô? Ora essa, pare com isso! Vamos acabar com isso! Onde já se viu? Espere! Espere!

São `separados à força.

LUZ

Que é isso? Que aconteceu?

225

GATA (*lamurienta, enxugando os olhos*)

Foi êle, Dona Luz... Me injuriou, botou pregos na minha sopa, me puxou pelo rabo, me moeu de pancada. E eu não tinha feito nada, absolutamente nada, nada!

CÃO (*imita-a*)

Nada, nada, absolutamente nada! (*À meia voz, zombeteiro.*) Tanto faz, você já levou uma boa e levará mais ainda.

MITIL (*apertando a Gata nos braços*)

Pobrezinha da Tilete, me conte onde é que está o dodói... Eu também vou chorar!

LUZ (*ao Cão, severamente*)

Sua conduta é tanto mais indigna quanto você escolheu para nos dar êsse triste espetáculo o momento, já bastante penoso por si mesmo, em que nos vamos separar dêsses pobres garotos.

CÃO (*volta subitamente a si*)

Nos separar dêsses pobres garotos?

LUZ

Pois é, está chegando a hora que você sabe. Vamos voltar ao Silêncio. Não poderemos mais falar com êles.

CÃO (*solta de repente verdadeiros urros de desespero, e atira-se às crianças, enchendo-as de carícias violentas e tumultuosas*)

Não, não! Não quero! Não quero! Hei de falar sempre! Você vai me compreender agora, não é, meu deusinho? Pois é, a gente dirá tudo um ao outro, tudo, tudo! Eu vou ter muito juízo... Vou aprender a ler, a escrever, a jogar dominó! Vou andar sempre limpinho! Não furto mais nada na cozinha! Quer

que eu faça alguma coisa extraordinária? Quer que eu beije a Gata?

MITIL (*à Gata*)

E você, Tilete? Não tem nada para nos dizer?

GATA (*afetada, enigmática*)

Eu gosto de vocês dois, tanto quanto merecem.

LUZ

Agora, meus filhos, é a minha vez de dar o último beijo em vocês.

TILTE e MITIL (*agarram-se às vestes da Luz*)

Não, Luz, não! Fique conosco! Papai não vai implicar. Diremos a Mamãe que você foi boal!

LUZ

Ah, não posso. Esta porta está fechada para nós, e eu tenho de deixá-los.

TILTE

Para onde você vai, sòzinha?

LUZ

Não é para longe, meus filhos. Ao País do Silêncio das Coisas.

TILTE

Não, não quero... Vamos com você. Eu conto a Mamãe.

LUZ

Não chorem, queridos. Não tenho voz, como a Água; tenho só essa claridade, que o Homem não percebe. Mas

velarci sôbre êle até o fim do mundo. Lembrem-se de que sou eu que falo a vocês em cada raio de luar que se derrama, em cada estrêla que sorri, em cada aurora que se levanta, em cada lampião que se acende, em cada pensamento bom e claro de suas almas. (*Batem oito horas atrás do muro.*) Entrem, entrem!

Empurra as crianças para dentro do portãozinho, que se entreabre e volta a fechar-se. — O Pão enxuga uma lágrima furtiva, o Açúcar e a Água, tôda em pranto, fogem precipitadamente e desaparecem à direita e à esquerda, nos bastidores. Latidos do Cão, lá dentro. O palco fica vazio por um instante, depois, abre-se ao meio o cenário do muro e do portãozinho, para o último quadro.

DÉCIMO SEGUNDO QUADRO

DESPERTAR

Mesmo interior do primeiro quadro, porém tudo, paredes e atmosfera, se diria incomparável e feêricamente mais fresco, mais risonho, mais feliz. A luz do dia filtra-se, jovial, pelas frestas das janelas fechadas.

A direita, ao fundo do quarto, em suas caminhas, Tilttil e Mitil dormem profundamente. — A Gata, o Cão e os Objetos estão nos lugares que ocupavam no primeiro quadro, antes de chegar a Fada. — Entra Mamãe Til.

MAMÃE TIL (com alegre fingimento de zanga, na voz)

Vamos, de pé, seus pequenos preguiçosos! Não têm vergonha? Já deu oito horas, o sol está em cima da floresta! Como dormem, santo Deus, como dormem! (*Inclina-se e beija as crianças.*) Estão corados... Tilttil cheira a lavanda, Mitil a junquilha. (*Beija-as outra vez.*) Que coisa gostosa, uma criança. Mas não podem dormir até meio-dia. Não se deve deixar que fiquem preguiçosos. Depois, já me disseram que não é muito bom para a saúde. (*Sacode suavemente Tilttil.*) Vamos, vamos, Tilttil!

TILTIL (acordando)

O quê? Onde está a Luz? Não, não vá embora...

MAMÃE TIL

A Luz? Ué, está aí, não é de hoje. A claridade é tanta que parece meio-dia, mesmo com os postigos fechados. Espere um pouco, eu vou abrir. (*Empurra os postigos; o quarto é invadido pela claridade deslumbrante do dia alto.*) Pronto, aí está. Que é que você tem? Parece cego.

TILTIL (esfrega os olhos)

Mamãe, mamãe! É você?

MAMÃE TIL

Claro que sou eu. Quem podia ser?

TILTIL

É você... É, sim, é você!

MAMÃE TIL

Sou eu, sim. Não mudei de cara esta noite. Que é que você tem para me olhar com esse jeito enfeitado? Me nariz virou pelo avêso?

TILTIL

Ah, que bom tornar a ver você. Há tanto tempo, tanto tempo! Tenho de beijar você agora mesmo... Mais, mais! Esta é mesmo a minha cama! Estou em casa!

MAMÃE TIL

Que é que você tem? Ainda não acordou? Não está doente, louvado seja Deus? Vamos, mostre a língua. Então levante-se e vá se vestir!

TILTIL

Ué, estou de camisola!

MAMÃE TIL

Claro. Vista sua calça e seu casaquinho. Estão ali na cadeira.

TILTIL

Foi assim que eu fiz tôda a viagem?

MAMÃE TIL

Que viagem?

TILTIL

Ora, no ano passado.

MAMÃE TIL

Ano passado?

TILTIL

É sim, ora! No Natal, quando eu fui embora.

MAMÃE TIL

Foi embora? Você não saiu do quarto. Botei você na cama ontem à noite, e encontrei você esta manhã. Sonhou isso tudo?

TILTIL

Você não compreende. Foi no ano passado, quando eu viajei com Mitil, a Fada, a Luz... como a Luz é boa! o Pão, o Açúcar, a Água, o Fogo. Eles brigavam o tempo todo. Você ficou zangada? Não ficou muito triste? E Papai, que foi que ele disse? Eu não podia recusar... Deixei um bilhete, explicando.

MAMÃE TIL

Que história é essa que você está contando? Vejo que está doente, ou senão, ainda não acordou direito. *(Dá-lhe uma palmada amistosa.)* Vamos, acorde. Agora está melhor?

TILTIL

Posso garantir. Mamãe. Você é que ainda está dormindo.

MAMÃE TIL

Como? Eu é que ainda estou dormindo? Estou de pé desde seis horas. Já arrumei a casa toda e acendi o fogo!

TILTIL

Pois pergunte a Mitil se não é verdade. Puxa, que aventuras nós vivemos!

MAMÃE TIL

Então, Mitil? Que foi?

TILTIL

Ela estava comigo. Vimos vovô e vovó.

MAMÃE TIL *(cada vez mais estupefata)*

Vovô e vovó?!

TILTIL

É, sim, no País da Saudade. Era no caminho. Eles estão mortos, mas passam bem. Vovó fez para nós uma torta de ameixas muito gostosa. Vimos os irmãozinhos: Roberto, João com a piorra dele, Madalena, Pierrette, Paulina, até Riquette...

MITIL

Riquette está engatinhando.

TILTIL

Paulina continua com a verruga no nariz.

MITIL

Vimos você também, contem à noite.

MAMÃE TIL

Ontem à noite? Não há nada demais: fui eu que deitei você na cama.

TILTIL

Não, não, foi no Jardim das Felicidades. Você era muito mais bonita, mas estava parecida...

MAMÃE TIL

Jardim das Felicidades? Não sei o que é isso.

TILTIL (*contempla-a, e depois beija-a*)

Ê, você estava mais bonita, mais gosto mais assim.

MITIL (*beija-a igualmente*)

Eu também, eu também.

MAMÃE TIL (*enternecida, porém muito preocupada*)

Meu Deus, que é que eles têm?! Vou perdê-los, como perdi os outros! (*Grita, súbitamente aterrorizada.*) Papai Till

Papai Till Venha cá! Os meninos estão doentes!

Entra Papai Til, muito calmo, de machado na mão.

PAPAI TIL

Que há?

TILTIL e MITIL (*correm alegremente para beijar o pai*)

Papai! É Papai! Bom dia, Papai! Trabalhou muito durante o ano?

PAPAI TIL

Hein? Que é isso? Não estão com ar de doença, estão com muito boa cara.

MAMÃE TIL (*lacrimejante*)

Quem pode se fiar nisso! Vai acontecer como aconteceu com os outros. Também tiveram muito boa cara até o fim,

um belo dia Deus os levou. Não sei o que eles têm. Ontem à noite botei os dois tranqüilamente na cama; quando acordam agora de manhã, tudo vai mal. Nem sabem mais o que dizem; salam em viagem... Viram a Luz, vovô, vovó, que estão mortos mas passando bem...

TILTIL

Vovô continua com a perna de pau.

MITIL

E vovó com reumatismo.

MAMÃE TIL

Ouviu? Vá depressa chamar o doutor!

PAPAI TIL

Não, não. Ainda não morreram... Espere, vamos ver (*Datem à porta da casa.*) Entre!

Entra a Vizinha, velha parecida com a Fada do I ato; caminha apoiada ao bordão.

VIZINHIA

Muito bom dia, boas-festas para todos!

TILTIL

Ê a Fada Beriluna!

VIZINHIA

Vim pedir um pouco de lenha para o meu caldeirão de Natal. Está bem fresquinho, esta manhã. Bom dia, meninos, tudo vai bem?

TILTIL

Dona Fada Beriluna, eu não achei o Pássaro Azul.

Que é que êle está dizendo?

MAMÃE TIL

Não queira saber, senhora Berlingot. Estão dizendo bobagens. Ficaram assim desde que acordaram. Devem ter comido alguma coisa indigesta.

VIZINHIA

Então, Tilttil, não está reconhecendo a tia Berlingot, sua vizinha, senhora Berlingot?

TILTIL

Estou, sim. A senhora é a Fada Beriluna. Não está zangada?

VIZINHIA

Beri... o quê?

TILTIL

Beriluna.

VIZINHIA

Berlingot, você quer dizer Berlingot.

TILTIL

Beriluna, Berlingot, como a senhora quiser, o fato é que Mitil, que sabe perfeitamente...

MAMÃE TIL

Que coisa, até Mitil!

PAPAI TIL

Ora, ora. Isso passa. Vou dar umas palmadas nêles.

VIZINHIA

Deixem, não vale a pena. Sei o que é isso. É apenas um pouco de sonho. Com certeza dormiram num raio de luar. Minha filhinha, que anda bem doente, às vezes também fica assim.

MAMÃE TIL

A propósito, como vai sua filhinha?

VIZINHIA

Assim, assim. Não pode se levantar. O doutor disse que é dos nervos. De qualquer modo, sei muito bem o remédio de que ela precisa. Ainda agora de manhã me pediu isso como presente de Natal. É uma idéia que não tira da cabeça.

MAMÃE TIL

Eu sei, ainda é o pássaro de Tilttil, não é? Afinal, Tilttil, quando é que você vai oferecê-lo à coitadinha?

TILTIL

O que, Mamãe?

MAMÃE TIL

O pássaro. Você não precisa dêle. Nem olha para êle! E ela está doida de vontade, há tanto tempo.

TILTIL

Ah, é verdade, o meu pássaro... Onde está êle? Ah, aqui está a gaiola. Viu, Mitil? É a mesma que o Pão levava. É sim, ela mesma; a diferença é que agora, só tem um pássaro. Então o outro foi comido? Olhe aqui: é azul! Mas é a minha rolinha! Está muito mais azul do que quando eu viajei! É o Pássaro Azul que nós procurávamos! Fomos tão longe, e êle estava aqui... Mas é incrível! Está vendo o pássaro, Mitil? Que dirá a Luz? Vou tirar a gaiola. (Sobe a uma

cadeira e tira a gaiola, que entrega à Vizinha.) Tome, Dona Berlingot. Ainda não está completamente azul; mas vai ficar, senhora verá. Leve depressa para sua filhinha.

VIZINHIA

Hein? De verdade? Você está me dando mesmo, sem mais nem menos, de graça? Meu Deus, ela vai ficar tão feliz! *(Beija Tilttil.)* Quero beijar você! Vou-me embora! Vou-me embora!

TILTIL

É, vá depressa. Tem uns que mudam de côr.

VIZINHIA

Volto para contar a vocês o que ela disse!

Sai.

TILTIL *(depois de olhar demoradamente em redor)*

Papai, Mamãe, que foi que vocês fizeram com a casa? É a mesma de antes, mas está muito mais bonita.

PAPAI TIL

Mais bonita, como?

TILTIL

Mais bonita, ora! Tudo pintado de nôvo, reformado, brilhante, limpinho. Não era assim no ano passado.

PAPAI TIL

No ano passado?

TILTIL *(vai à janela)*

E a floresta que a gente vê daqui! É enorme, linda! Até parece noval! Como a gente é feliz aqui! *(Vai abrir a arca.)*

Onde está o Pão? Ué, estão bem sossegados. E esse aqui é Tilo. Bom dia, Tilo, bom dia! Ah, você brigou um bocadinho na floresta, hein?

MITIL

E Tilette? Ela me reconhece perfeitamente, mas não fala mais.

TILTIL

"Seu" Pão... *(Apalpa a cabeça.)* Que é isso, não tenho mais o Diamante! Quem foi que tirou meu chapêuzinho verde? Não faz mal, não preciso mais dêle. — Ah! o Fogo! Ele é camarada! Está crepitando, rindo, para irritar a Água. *(Corre à torneira.)* — E a Água? Bom dia, Água! Que é que ela diz? Continua falando, eu é que não compreendo mais como antes.

MITIL

Não estou vendo o Açúcar.

TILTIL

Ai, meu Deus, me sinto tão feliz! Muito! Demais!

MITIL

Eu também, eu também!

MAMÃE TIL

Por que estão rodando assim?

PAPAI TIL

Deixe, não se preocupe. Brincam de ser felizes.

TILTIL

Eu por mim, gostava mais era da Luz. Onde está o lampião dela? Será que se pode acendê-lo? *(Olha ainda em*

redor.) Meu Deus, tudo é tão bonito, estou tão satisfeito da vida!

Batem à porta da rua.

PAPAI TIL.

Entre!

Entra a Vizinha, dando a mão a uma menina de beleza maravilhosamente louca, que segura a rolinha de Tiltil.

VIZINHA

Estão vendo o milagre?

MAMÃE TIL.

Não é possível! Está andando?

VIZINHA

Está, ou por outra, corre, dança, voa! Quando viu o pássaro, deu um salto assim para a janela, para ver na luz se era mesmo a rolinha de Tiltil. Depois, pluft! saiu para a rua, voando feito um anjo. . . Eu mal podia acompanhar.

TILTIL (*aproxima-se, maravilhado*)

Ah, parece tanto com a Luz!

MILTIL

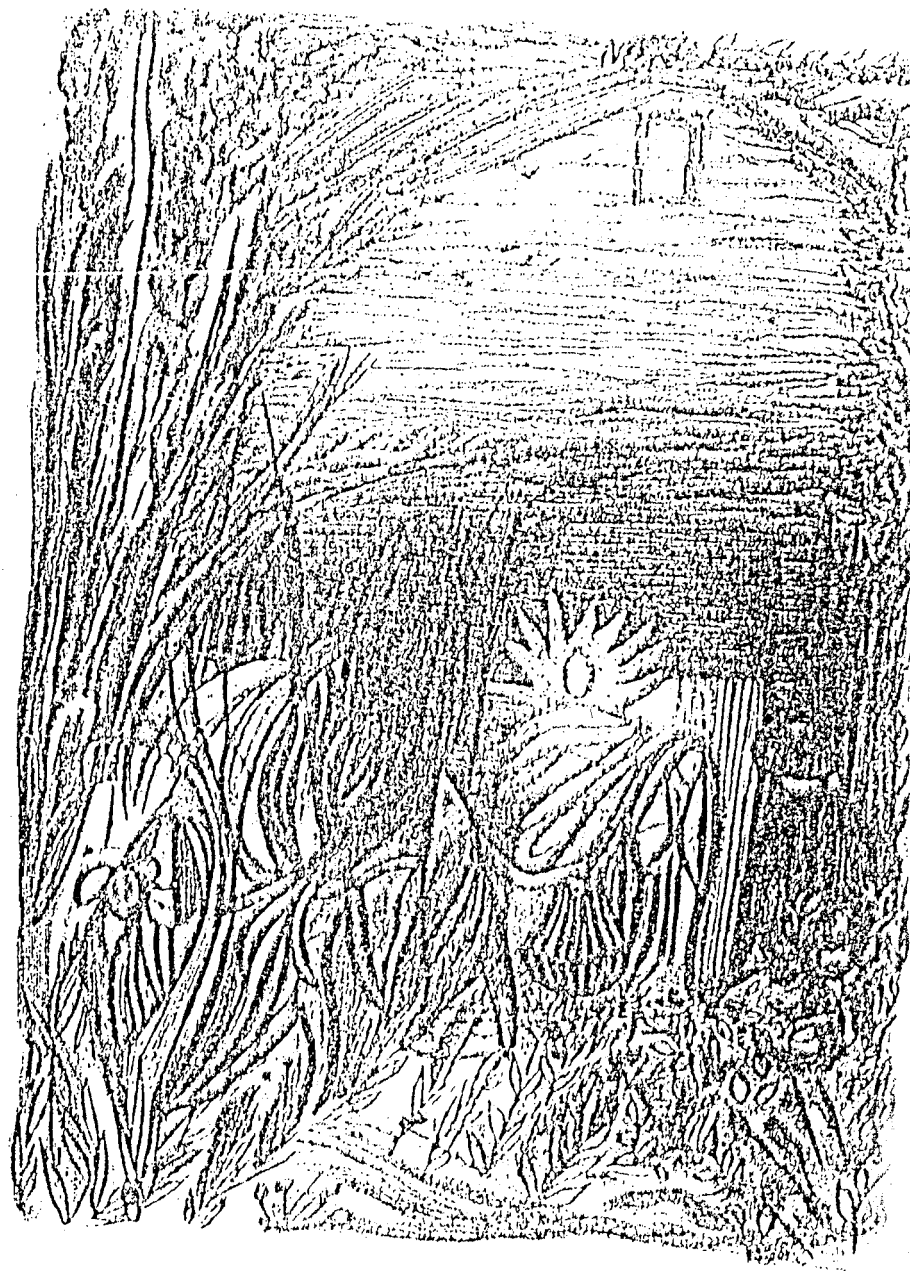
É bem menor.

TILTIL

Claro. Mas vai crescer.

VIZINHA

Que é que eles estão dizendo? Pioraram?



MAMÃE TII.

Estão melhor. Isso passa. Depois do almoço, nem se nota mais.

VIZINHIA (*impele a menina para os braços de Tilttil*)

Vamos, filhinha, vá agradecer a Tilttil.

Tilttil, súbitamente intimidado, dá um passo para trás.

MAMÃE TIL.

Que é isso, Tilttil, que é que você tem? Está com medo da menina? Vamos, dê-lhe um beijo. Não, um beijo grande. Mais ainda... Você, que em geral é tão desembaraçado! Mais outro. Mas que é que você tem? Parece que vai chorar...

Depois de beijar desajeitadamente a menina, Tilttil pára um momento diante dela, e os dois se olham em silêncio; a seguir, ele acaricia a cabeça do pássaro.

TILTIL

Será mesmo bem azul?

MENINA

É sim. Estou contente...

TILTIL

Já vi outros mais azuis. Acontece que os completamente azuis, sabe? por mais que a gente faça, não apanha nenhum.

MENINA

Não faz mal, êste é bem bonito.

TILTIL

Êle já comeu?

MENINA

Ainda não. Que é que êle come?

TILTIL

Tudo: trigo, pão, milho, cigarra.

MENINA

E como é que êle come?

TILTIL

Bicando. Você vai ver, eu vou mostrar.

Vai tomar o pássaro das mãos da menina; instintivamente ela resiste; aproveitando-se da hesitação do gesto, a rolinha se desprende e voa.

MENINA (*grita, desesperada*)

Êle fugiu, mamãe!

Soluça doridamente.

TILTIL

Não é nada, não chore... Eu pego de nôvo. (*Encaminha-se para a frente do palco e dirige-se ao público.*) — Se algum de vocês encontrar o Pássaro Azul, queira ter a bõndade de trazê-lo aqui em casa. Precisamos dêle para ser felizes, quando formos grandes... .

PANO

BIBLIOGRAFIA